



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da  
População Mundial: Uma Análise de Campanhas da ONU.**

**AMANDA FURTADO BERGMAN**

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da  
População Mundial: Uma Análise de Campanhas da ONU.**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**AMANDA FURTADO BERGMAN**

**Orientadora:** Prof. Dra. Marta Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia “O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da População Mundial: Uma Análise de Campanhas da ONU.”, elaborada por Amanda Furtado Bergman.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof. Dra. Marta Pinheiro  
Doutora em Comunicação e Cultura - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dra. Marialva Barbosa  
Doutora em História - UFF  
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Dra. Cristina Rego Monteiro  
Doutora em Comunicação e Cultura - UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

BERGMAN, Amanda.

**O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da População Mundial: Uma Análise de Campanhas da ONU.**

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Marta Pinheiro

## AGRADECIMENTOS

Pessoas importantes fazem parte das nossas vidas às vezes apenas por um breve período de tempo. Elas vêm e vão talvez para nunca mais voltar sem perceber o quanto foram fundamentais e mudaram nossas vidas. A todos os passageiros da minha vida, que me fizeram questionar, pensar diferente, enfrentar meus medos e me abrir pra esse mundo, obrigada.

Cabeções. Sem vocês eu nem estaria aqui. Obrigada por acreditarem em mim e não só me apoiarem nas decisões que tomei até agora como também me propiciarem as melhores experiências possíveis nesses meus 24 anos de vida. Vocês são incríveis.

Às amigas que o acaso colocou no meu caminho e eu não deixei escapar, vocês são péssimas incentivadoras, sempre me tentando com a companhia de vocês quando eu deveria estar focada nessa minha filha aqui. Mas sem vocês, eu não sou eu, então obrigada por existirem e escolherem fazer parte de mim.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, um sonho que muitas vezes eu duvidei se seria realizado, e a todas as pessoas que fizeram dessa jornada especial, vocês não serão esquecidos. À minha orientadora, Marta, obrigada pela paciência e tempo dedicado.

Mais uma etapa concluída. Que venham os próximos desafios.

*“When I have the ability to help others, why shouldn't I help”*

-- Jalil Ahmad, trabalhador humanitário da Agência para Assistência Humanitária e Desenvolvimento para o Afeganistão (AHDAA) em entrevista para a campanha humanitária da ONU sobre o Dia Internacional da Ação Humanitária em 2013.

**“O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da População Mundial: Uma Análise de Campanhas da ONU.”** BERGMAN, Amanda. Orientadora: Marta Pinheiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

## **RESUMO**

Este trabalho discute o humanitarismo a partir dos anos 70 até 2014 e sua apropriação na ONU. O principal objetivo é identificar as mudanças que o termo sofreu durante esse período. A importância da mídia na divulgação de crises e na sensibilização da população mundial foi um aspecto abordado por este estudo para determinar a relação entre o humanitarismo e a resposta global a desastres. Procurou-se identificar, através de análises, se os discursos humanitários das Nações Unidas criam imagens positivas e quais mudanças ocorreram nos meios de comunicação para a conscientização da população mundial. Nosso objetivo principal é identificar se há mudanças em como o humanitário é retratado especificamente nas campanhas da ONU para celebrar o Dia Internacional da Ação Humanitária nos anos de 2009 a 2014.

**Palavras-chave:** Humanitarismo, mídias, ação humanitária, ONU.

## ABSTRACT

This paper discusses humanitarianism from 1970 until 2014 and its appropriation at the UN. The main objective is to identify the changes that the term has suffered during this period. The importance of the media in raising worldwide awareness about crisis was an aspect addressed by this study to determine the relationship between humanitarianism and the global response to disasters. Through analysis, we sought to identify whether the UN humanitarian speeches create positive images and which changes have taken place in the media to raise global awareness. Our main goal is to identify if there are changes in how humanitarianism is depicted specifically in the UN campaigns to celebrate World Humanitarian Day since 2009 until 2014.

**Key words:** Humanitarianism, media, humanitarian action, UN.



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2.</b>	<b>História do humanitarismo.....</b>	<b>4</b>
2.1.	As sociedades do desastre.....	4
2.2.	Desastres e populações vulneráveis.....	6
2.3.	A culpa e a prevenção de desastres .....	8
2.4.	O humanitarismo .....	10
2.5.	A solidariedade humanitária.....	11
2.6.	A intervenção humanitária.....	15
<b>3.</b>	<b>O papel da mídia: sensibilização da população mundial .....</b>	<b>18</b>
3.1.	O papel das agências internacionais e a mídia .....	18
3.2.	A importância da mídia para campanhas humanitárias .....	21
<b>4.</b>	<b>O papel da ONU.....</b>	<b>23</b>
4.1.	O Quadro de Ação de Hyogo na prevenção de desastres e crises humanitárias.....	23
4.2.	A ONU e o Dia Internacional da Ação Humanitária.....	25
<b>5.</b>	<b>Estudo de caso: as campanhas humanitárias anuais da ONU.....</b>	<b>30</b>
5.1.	2009: Vamos cumprir nosso dever humanitário.....	30
5.2.	2010: Nós somos trabalhadores humanitários .....	31
5.3.	2011: Se eu pudesse mudar .....	32
5.4.	2012: Eu estive aqui .....	34
5.5.	2013: O mundo precisa de mais... ..	35
5.6.	2014: O mundo precisa de mais: heróis humanitários.....	36
5.7.	Análise .....	369
<b>6.</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>441</b>
<b>7.</b>	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>444</b>
<b>8.</b>	<b>Anexo .....</b>	<b>477</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nos anos de 2013 e 2014 trabalhei na ONU como estagiária na área de jornalismo. Diariamente traduzia matérias que cobriam não só as piores crises humanitárias em todo o mundo como as histórias das pessoas por trás delas. Tanto as vítimas quanto os trabalhadores humanitários. Uma coisa que percebi é que quando grandes desastres aconteciam, como o tufão Hayan nas Filipinas em novembro de 2013, ou as enchentes no Sudeste do Brasil em dezembro do mesmo ano, a cobertura da mídia era massiva durante as semanas que se seguiam, e, como qualquer outra notícia, depois de algum tempo, essas crises não eram mais novidades e deixavam de ser divulgadas pelas grandes mídias. No entanto, as vítimas desses desastres continuavam precisando de assistência, a situação nos locais ainda era grave e instável. Apesar de agências da ONU e outras organizações humanitárias continuarem seu apelo por ajuda internacional, as crises, as vítimas e os trabalhadores humanitários eram gradativamente esquecidos.

O humanitarismo está diretamente relacionado com tragédias, porque sem elas, não existe a necessidade de mobilizar a ajuda externa e a compaixão de outros. A pobreza extrema, a falta de emprego, a fome e epidemias, são exemplos de crises enfrentadas pelo Brasil diariamente. Não é necessário olhar para a Síria ou para a República Centro-Africana para sentirmos compaixão, ou sentirmos a necessidade de ajudar os outros que podem estar bem próximos de nós. O Brasil enfrenta desafios humanitários todos os dias. Secas, inundações, pobreza e falta de segurança são apenas algumas das dificuldades que a população brasileira tem que lidar e superar diariamente. Felizmente, o país não sofre com a guerra civil, como os dois países citados acima, não é devastado por bombas ou massacres e a população não é obrigada a buscar refúgio em nações vizinhas. Todavia, o Brasil, a Síria e a República Centro-Africana têm algo em comum: todas as crises enfrentadas são caracterizadas pela precariedade.

O humanitarismo se tornou conhecido através de eventos catastróficos, de imagens que foram disseminadas pela mídia, mas também tem a ver com situações mais mundanas perto de todos nós. (FASSIN, 2011, p. 12)

A razão humanitária não é limitada a situações extremas e remotas como em áreas de risco de desastres, zonas de guerra, campos para refugiados, lugares dominados pela fome e epidemias. O humanitarismo também pode ser encontrado localmente através dos moradores de rua, dos imigrantes, das mulheres que sofrem violência ou crianças que vivem na pobreza.

Esse estudo buscará determinar como ocorre a sensibilização de pessoas frente a essas realidades. Qual é o caminho utilizado pelas grandes organizações internacionais, em especial as Nações Unidas, para que essas crises mundiais recebam a atenção que precisam.

Grande parte da dificuldade de fornecer ajuda para as crises humanitárias é, além de conseguir o apoio financeiro necessário, fazer com que indivíduos que vivem suas realidades no conforto de suas casas, que não entram em contato direto com as pessoas que sofrem diariamente com a falta de segurança, comida, água e abrigo, tenham o interesse de ajudar e se importar com essas populações que não fazem parte de suas rotinas.

Fazendo um breve histórico da criação do conceito de humanitarismo, esse trabalho vai identificar o caminho percorrido desde uma causalidade atribuída à punição divina até as condições históricas socioeconômicas para determinar o que é uma sociedade e uma população vulnerável e o que isso implica em termos de ações e mobilizações dos agentes internacionais como a ONU.

Como e quando Organizações Não Governamentais e Organizações Internacionais humanitárias surgiram e qual era o papel dessas organizações quando foram fundadas e qual o papel que elas exercem atualmente também serão temas abordados nesse trabalho, bem como os motivos que impulsionaram a criação dessas organizações.

Temas como a intervenção humanitária, o que ela é e o que ela implica, incluindo as discussões sobre esse tema também serão apresentados no decorrer desse trabalho. Será discutido o papel e a influência da mídia na sensibilização da população mundial frente aos desastres e crises humanitárias, principalmente as campanhas humanitárias da ONU.

Para atingir esse objetivo, foi feito um levantamento de bibliografia de pesquisadores em antropologia e sociologia como Sandrine Revet e Didier Fassin. Os autores escolhidos para esse trabalho são especialistas nos temas abordados como a prevenção de desastres e a razão humanitária.

A escolha de avaliar campanhas humanitárias da ONU veio de um interesse pessoal pela organização e também pelo papel internacional que as Nações Unidas têm. A ONU não foi a primeira organização mundial a atuar no campo humanitário, mas é atualmente uma das mais importantes e a que tem maior influência e poder internacional com a população mundial. As suas campanhas anuais para marcar o Dia Internacional da Ação Humanitária desde 2009 têm uma trajetória e objetivos interessantes que buscam sensibilizar e chamar a atenção para as crises e os trabalhadores humanitários que são esquecidos pela mídia e pela população mundial.

O corpus deste estudo, como já mencionado acima, são as campanhas humanitárias da ONU que marcam o Dia Internacional da Ação Humanitária anualmente desde 2009. Para cumprir o objetivo desse trabalho se fez uma análise qualitativa verificando com mais proximidades as características, ausências, sentidos, intenções e discursos das campanhas. Para tal, foram utilizados recursos da análise de conteúdo de Laurence Bardin.

Segundo Bardin, a principal função da análise de conteúdo é o desvendar crítico através de um método empírico. “A análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados.” (SANTOS, 2012, p. 1-2)

A análise de conteúdo é dividida em algumas etapas, a primeira é a pré-análise, que neste estudo foi constituída pela escolha das campanhas, seguida de uma leitura flutuante, ou seja, abrangente, dos dados encontrados. A segunda etapa é a preparação e exploração do material, na qual cumpriu-se as regras de Bardin da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A terceira etapa é a formulação de uma hipótese e dos objetivos da pesquisa, que foram elaborados no final da análise das campanhas da ONU. A quarta e última etapa é a síntese do conteúdo avaliado e a seleção dos resultados obtidos para que estes possam ser interpretados e através deles, uma conclusão possa ser formulada.

Para o campo da comunicação, como futura jornalista, esse trabalho contribuirá para que todos aqueles, que assim como eu, se interessem pela área humanitária, tenham um pouco mais de abertura para estudar e pesquisar sobre o campo. Apesar de o foco deste estudo não ser sobre o jornalismo humanitário, uma especialização ainda muito recente no Brasil, ao avaliar as campanhas da ONU durante esse trabalho e buscar entender como é feita a sensibilização da população mundial frente ao tema do humanitarismo, bem como a complexidade deste assunto, tenho certeza que este estudo poderá contribuir para que futuras pesquisas sobre o jornalismo humanitário sejam feitas.

## 2. HISTÓRIA DO HUMANITARISMO

Atualmente o humanitarismo é um termo muito comum, o escutamos quando ouvimos falar de crises e guerras e em populações em situações de risco. No entanto, para entendermos como o conceito de humanitarismo passou a ser utilizado nesse contexto, devemos pensar primeiro em como as sociedades e populações atribuíam as causas dos seus males relativos aos desastres à punições divinas e forças da natureza. O termo humanitarismo surgiu por causa da necessidade de ajuda externa para que essas pessoas pudessem reconstruir o que foi destruído.

### 2.1. As sociedades do desastre

O terremoto de Lisboa, que aconteceu em 1755, pode ser visto como um marco para o início de toda a discussão que futuramente geraria o tema do humanitarismo. A pesquisadora francesa, Sandrine Revet (2011), afirma que esse terremoto é o marco do pensamento moderno sobre os desastres e catástrofes porque despertou duas importantes ideias por filósofos do Iluminismo, Voltaire e Rousseau. O primeiro acreditava que desastres naturais eram resultados da natureza, e questionou em seu livro “Cândido, ou o Otimismo” (1759), como esse seria o melhor mundo possível se acontecimentos traumáticos como o terremoto de Lisboa que causou tantas perdas e sofrimento faziam parte dele. O segundo defendia a ideia que uma sociedade mal estruturada também era culpada pelos estragos causados pelo terremoto. Rousseau apontou para a falta de estrutura da cidade portuguesa que dificultou a evacuação do local no momento de pânico e para a alta concentração populacional num espaço limitado, aumentando o número de vítimas em uma tragédia.

Essas duas ideias são um marco para o pensamento moderno, pois atribuem a causalidade dos "desastres naturais" não à punição divina, um castigo vindo de Deus para punir a população de determinada região, e sim a causas naturais ou humanas. (RENET, 2011, p.159 e 160)

Revet faz referência a outro marco importante sobre a concepção das catástrofes e desastres quando na década de 70 do século XX, as ciências sociais e humanas começaram também a pesquisar sobre o tema, antes restrito às Ciências “mais duras” como geografia, engenharia, etc. As pesquisas realizadas nessa época influenciaram a formação da concepção utilizada até hoje pelas principais Organizações Não Governamentais (ONG's) que vê as catástrofes “naturais” como graves rupturas no funcionamento de uma comunidade/sociedade

envolvendo significativas perdas e impactos humano, material, econômico e/ou ambiental. (REVET, 2011, p. 160)

Essas rupturas são uma combinação do perigo natural, que sempre existiu, e as condições de vulnerabilidade da sociedade afetada, ou seja, quanto mais precárias as condições sócio econômicas da população afetada, maiores são as chances de um "desastre natural"<sup>1</sup> se transformar em uma catástrofe<sup>2</sup> devido ao maior número de vítimas e prejuízos. (REVET, 2011, p.160).

No entanto, isso não significa que não existiram Organizações envolvidas em acontecimentos que causaram grandes danos e perdas humanas antes da década de 70 do século XX. Podemos citar como exemplo o movimento Internacional da Cruz Vermelha, fundado em 1863, em Genebra, na Suíça por um filantropo suíço, Jean-Henri Dunant. Em uma expedição à Itália para tratar de negócios, Dunant presenciou as atrocidades que acontecem em uma guerra, e comovido, organizou um serviço de emergência para prestar primeiros socorros no campo de batalha. Ao retornar para a Suíça, Dunant escreveu um livro no qual propôs a criação de grupos nacionais para fornecer ajuda e apoiar os feridos em situações de guerra e de uma organização internacional que permitisse melhorar as condições de vida e prestar auxílio às vítimas de guerra. Essa organização é atualmente a Cruz Vermelha, a instituição humanitária mundial mais antiga, cuja função ainda é de proteger a vida e a dignidade de vítimas de conflitos, desastres e crises, sejam elas internacionais ou nacionais.

Bem como a Cruz Vermelha, a Organização das Nações Unidas (ONU), que surgiria em 1945 para manter a paz mundial após a II Guerra Mundial, também teria como objetivo proteger a vida de civis em situações de guerra.

Revet afirma que foi na virada da década de 1970 que ocorreu um aumento na internacionalização dos atores encarregados de providenciar ajuda ou prevenção frente a desastres "naturais" (REVET, 2011, p.159). Como exemplo, podemos citar a criação da

---

<sup>1</sup> Para as Nações Unidas, desastre natural é aquele evento que ou promove dez mortes, e/ou pelo menos 100 afetados, ou que causa perdas e impactos que superam a capacidade de reação da comunidade afetada, requerendo ajuda externa. Disponível em: <http://www.unisdr.org/we/inform/terminology> Acessado em junho de 2015.

<sup>2</sup> Os Médicos sem Fronteiras, fundada em 1971 por médicos e jornalistas, é uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos, que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, em casos como conflitos armados, catástrofes, epidemias, fome e exclusão social. Além de ser a maior organização humanitária do mundo na área de saúde, os MSF também investem em ações de longo prazo, na ajuda a refugiados, em casos de conflitos prolongados, instabilidade crônica ou após a ocorrência de catástrofes naturais ou provocadas pela ação humana. O principal ideal da Organização é de que todas as pessoas têm direito a tratamento médico, e que essa necessidade perpassa as fronteiras nacionais. Em 1999, reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho na área, a Organização ganhou o prêmio Nobel da Paz.

organização internacional, Médicos Sem Fronteiras<sup>2</sup> (MSF) em 1971. A MSF busca oferecer ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, como em conflitos armados, catástrofes naturais, epidemias, fome e exclusão social e é atualmente a maior Organização Não Governamental (ONG) de ajuda humanitária do mundo na área de saúde.

Também criada em 1971, a United Nations Disaster and Relief Organization (UNDRO), a agência da ONU para lidar com desastres, buscou desenvolver técnicas para a preparação e prevenção de desastres, reconhecendo que o planejamento pré-desastres deveria ser implementado para que populações estivessem mais bem preparadas. A UNDRO será abordada com mais profundidade no decorrer desse estudo.

## **2.2. Desastres e populações vulneráveis**

Duas grandes tragédias marcaram a década de 1970, reforçando a necessidade da criação de mais ONGs como os Médicos Sem Fronteiras, Cruz Vermelha e a própria agência da ONU: a seca na África, na região do deserto do Sahel, em 1970, que levou a milhares de mortos por fome. O ciclone de Bhola, que devastou o antigo Paquistão - atualmente conhecido como Bangladesh - em novembro do mesmo ano, que também deixou milhares de mortos. As consequências do devastador ciclone tropical trouxeram os olhos do mundo para a Índia. Tanto a seca na África, quanto o ciclone de Bhola, chocaram a população internacional e ambos governos foram fortemente criticados pela população mundial por causa da falta de uma gestão de emergência eficaz. O ciclone de Bhola foi o primeiro momento na história mundial que uma catástrofe se tornou um evento midiático. Organizado pelo falecido Beatle, George Harrison, o primeiro grande evento internacional para a arrecadação de fundos para ajudar as populações afetadas foi um concerto musical, que aconteceu em agosto de 1971 na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. (RENET. 2011, p.161)

O “Concerto para Bangladesh”, como o evento foi chamado, foi realizado no Madison Square Garden e contou com a presença de 40 mil pessoas. Os shows foram organizados com o intuito de chamar atenção e financiar ajuda humanitária para a região de Bangladesh. Após o ciclone de Bhola ter afetado a região e deixado cerca de 500 mil pessoas mortas, o ciclone tropical mais fatal até os dias de hoje, a região entrou em guerra com o Paquistão pela sua independência. Artistas como Bob Dylan e Eric Clapton também fizeram parte do evento que arrecadou 250 mil dólares para a ajuda humanitária em Bangladesh. A verba foi administrada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Um álbum ao vivo foi gravado durante o evento, bem como um documentário que seria exibido em 1972. Todo o lucro da venda e exibição do CD e documentário também seria convertido em ajuda humanitária para Bangladesh. Estima-se que 12 milhões de dólares tenham sido enviados a Bangladesh em 1985<sup>3</sup>. Posteriormente, esse evento geraria muitas críticas sobre a espetacularização dos desastres e da exploração do sofrimento de vítimas, como será abordado mais adiante neste estudo.

Por outro lado, podemos dizer que esse evento foi um marco para a conscientização humanitária em uma escala global. Foi o momento quando a população de países ricos, como os Estados Unidos e Reino Unido, começam a se conscientizar das consequências que um desastre deixa para trás. Cidades inteiras devastadas, inúmeras mortes e perdas culturais. O sofrimento das vítimas começa a ser divulgado para pessoas que nunca antes viram em primeira mão o quão difícil era reconstruir tudo aquilo que foi perdido tão abruptamente. As populações “vulneráveis” na África e na Ásia, nesse caso, começam a ganhar o olhar do mundo “rico” em um apelo internacional por ajuda. Também é reforçada a ideia de que países pobres precisam de mais cuidado e atenção porque suas populações são mais suscetíveis a tragédias. A reconstrução de cidades, famílias e sociedades inteiras precisavam de ajuda externa para começar.

A seca no deserto do Sahel também impulsionou o surgimento de críticas aos “Disaster Studies” - ou estudo de catástrofes - que na época era dominado pelas ciências exatas, cujas abordagens eram focadas apenas nos principais riscos e quais as respostas técnicas mais apropriadas para lidar com eles. (RENET, 2011, p.161).

Em meados dos anos 70 iniciou-se um movimento para criticar essas abordagens técnicas. O conceito de vulnerabilidade, introduzido pelas ciências sociais e humanas à compreensão das consequências que estes acontecimentos produziam nas sociedades e culturas afetadas, buscava mostrar que se determinada região tivesse condições sociais e econômicas desfavoráveis, ela sofreria impactos mais severos. (RENET, 2011, p.161)

Partindo do princípio de que essa hipótese estivesse correta, é introduzida mais uma possibilidade no estudo dos desastres “naturais”. A possibilidade de que as condições que podem levar um desastre a virar uma catástrofe estão imbuídas em causas mais profundas, como históricas, sociais e econômicas. Essas novas perspectivas afirmam que as chances de um desastre “natural” se transformar em uma catástrofe em uma sociedade desenvolvida

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Concert\\_for\\_Bangladesh](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Concert_for_Bangladesh) Acessado em junho de 2015.



seriam menores, enquanto as chances de um desastre natural se transformar em catástrofe em regiões vulneráveis, aumentariam. (REVET, 2011, p.162)

### **2.3. A culpa e a prevenção de desastres**

Se a razão por trás de tantas perdas fosse mesmo histórica, social e econômica, a fome na África não seria apenas uma consequência da seca, não seria apenas uma causa natural, seria também o resultado da exploração colonial africana e de políticas de desenvolvimento que levaram uma população a uma dependência destrutiva. A vulnerabilidade das vítimas no deserto do Sahel seria também uma consequência da destruição do conhecimento das populações locais sobre as práticas ambientais quando estes foram forçados a entrar em um sistema capitalista. (REVET, 2011, p.163)

Se o motivo dessas sociedades serem vulneráveis, ou seja, mais suscetíveis aos desastres, forem também históricas, isso significaria que a culpa de tantas mortes e tanto sofrimento seria daqueles que, por exemplo, colonizaram aquela região e a deixaram sem as ferramentas necessárias para se reconstruir e se fortalecer. Por isso podemos justificar o sentimento de culpa e inquietação que invade a população de países desenvolvidos diante de tanta tragédia. A mídia e a veiculação de imagens fortes contribuem muito para essa escolha que agora o espectador teria que fazer, "aderir ou refutar uma causa, participar ou se abster de uma ação" (BIONDI, 2014, p.3) para ajudar aquelas pessoas que agora podiam ver em jornais e revistas.

Um novo quadro se constitui neste período: os grandes males que acometem à humanidade têm maiores impactos nas sociedades mais vulneráveis. Os responsáveis não são só a providência e/ou a natureza ou as condições da sociedade. É a própria história dos "vencedores" que traçou a divisão entre os mais e os menos vulneráveis aos impactos dos grandes desastres e, portanto, agora caberia a este lado menos vulnerável, em nome da Humanidade, identificar-se com estas vítimas. E neste contexto, o papel da mídia foi relevante no sentido de mobilizadora das chamadas ações humanitárias que passaram a considerar como desastres e catástrofes não só os "naturais", como também os resultantes de ações diretas dos homens, como os grandes acidentes nucleares da década de oitenta, e as guerras e atentados nos anos 90. Ao mesmo tempo em que a mídia chamava a atenção à "vulnerabilidade" das vítimas, como os grandes shows promovidos por artistas famosos, ela também era acusada de promover o paliativo aos responsáveis, o que seria chamado de "sofrimento à distância". (BOLSTANKI apud CHOULIARAKI, 2013. p.141)

A possibilidade de se identificar e sensibilizar com o sofrimento de outros distantes de nós através de matérias no jornal, celebridades e eventos beneficentes que divulgam crises e populações que precisam de ajuda em todo o mundo é o próprio sentimento do sofrimento à distância. O que podemos fazer por essas pessoas mesmo estando longe delas? Chouliaraki considera essas práticas humanitárias "porque elas nos confrontam com o espetáculo do sofrimento à distância, uma causa que demanda uma resposta." (CHOULIARAKI, 2013, p.7)

Se de um lado foram retiradas as amarras morais do espectador do sofrimento alheio, cabendo a ele a decisão de refutar ou aderir a uma causa, de participar ou se abster de uma ação, conforme seu grau de identificação para com o sofrimento que se apresentasse, de outro lado, se acirraram as disputas em torno da visibilidade dos sofredores. Nesse contexto de mudanças é que a mídia participa como novo agente referencial que fomenta um utilitarismo crescente embasado em um tipo de consumismo de crenças humanitárias bastante atuais (BIONDI, 2014, p.3)

As regiões afetadas precisariam de ajuda externa porque elas mesmas não tinham os recursos necessários para se ajudar. A intervenção de ONGs e agências internacionais em nome da "ajuda" se tornavam mais presentes.

O aumento da necessidade de intervenções de ONGs e agências internacionais em países para ajudar populações foi outro fator que impulsionou a criação da United Nations Disaster and Relief Organization (UNDRO) em 1971. A UNDRO era uma agência especializada em lidar com desastres "naturais" e suas vítimas. Sua missão era de coordenar junto a outras agências o envio de ajuda às pessoas afetadas por desastres. As intervenções dessa agência, como as da maioria dentro das organizações - governamentais ou não - consistiriam no envio de comida, tendas, equipamentos e profissionais médicos aos locais atingidos. Todas as atividades seriam exclusivamente financiadas por contribuições voluntárias dos Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU). (REVET, 2011, p.163)

Dentro da ONU, agências começaram a criar novas tecnologias que contribuiriam para uma maior eficácia na prevenção de desastres. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, fundada em 1945) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, fundado em 1965) começaram a desenvolver centros de pesquisa e sistemas de alerta para monitorar a evolução da seca e da fome no âmbito mundial. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, fundada em 1919, junto a Liga das Nações,

Organização Internacional que precedeu a criação da ONU) e a Organização Meteorológica Mundial (OMM, fundada em 1950) se juntaram para criar avanços também nas áreas de previsão de tempestades e acelerar as comunicações intercontinentais. (REVET, 2011, p.164)

Todos os esforços da ONU estavam voltados para descobrir um novo meio de lidar com os desastres que estavam causando perdas humanas em uma escala catastrófica.

Já a década de 1980 foi muito marcada por dois acontecimentos. Desastres naturais brutais como o terremoto que destruiu o centro do México em 1985 e a erupção do vulcão Nevado del Ruiz, na Colômbia no mesmo ano, causaram muito impacto por causa da forma que foram divulgados nos meios de comunicação, através de imagens chocantes como a de uma menina morrendo na lama. Diferente da década de 70, quando agências humanitárias começaram a ser criadas em maior volume, as violentas catástrofes dos anos 80 confirmaram aos pesquisadores de ciências sociais que existiam fatores que tornavam essas sociedades mais vulneráveis e que esses fatores precisavam ser determinados. Desastres como a explosão de uma fábrica de pesticidas em Bhopal, na Índia, em 1984, o acidente nuclear em "Three Mile Island", nos Estados Unidos em 1979 e em Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, contribuíram para uma onda de conscientização mundial sobre a possibilidade de desastres tecnológicos, criando a noção que dominaria os anos 90 de uma sociedade de risco<sup>4</sup>, onde a própria sociedade constrói os males que podem vir a afetá-las. (REVET, 2011, p.164)

#### **2.4. O humanitarismo**

O Humanitarismo não é facilmente definido e ele é, entre outras coisas, um aglomerado de sentimentos, um conjunto de leis, um imperativo moral para intervir. Em sua caracterização principal, o humanitarismo é uma maneira de "fazer o bem" ou melhorar aspectos da condição humana, centrando-se no sofrimento dos outros e salvando vidas em tempos de crise ou de emergência; por exemplo, cuidados médicos, comida e abrigo temporário durante a guerra, ou após desastres. O humanitarismo, como já visto nesse estudo, adquiriu uma nova proeminência perante os acontecimentos políticos globais nas décadas de 1980 e 1990 — da fome na Etiópia para o genocídio de Ruanda — e nas novas formas de mídia e tecnologia que fizeram certos tipos de sofrimento visíveis ao mundo todo.

---

<sup>4</sup> A categoria de risco foi concebida como principal característica das sociedades contemporâneas (Giddens, 1991), (Beck, 1986), (Luhmann, 1993). Os riscos aos quais a sociedade moderna enfrenta são em parte impulsionados por ela sendo os desastres como um déficit de reflexividade. Uma democracia inacabada por Ulrich Beck, o uso generalizado de especialistas por Anthony Giddens, ou mesmo um processo para reduzir a complexidade envolvida na manutenção e sobrevivência de um sistema, psíquico ou social, por Niklas Luhmann (PINHEIRO, Marta. Risco e catástrofe: a seca no Estado de São Paulo. In: Lumina 2014, p. 55)

Conflitos, epidemias e desastres demandam uma intervenção humanitária. Se estes são naturais ou artificiais não importa, a intervenção humanitária teve sempre os desastres como uma parte fundamental de sua justificação para a ajuda; com efeito, o terremoto de Lisboa de 1755 tem sido citado como um momento formativo na história do humanitarismo.

Entretanto muitos concebem o humanitário como uma nova forma de governo sobre as populações de maneira que ultrapassa o Estado. Também muitos discutem o papel das ONGs humanitárias que em muitos contextos deslocam a preocupação com a desigualdade econômica, política, social e histórica para a concentração sobre sofrimento, transformando a violência política em experiências de trauma psicológico, a preocupação com a política e a justiça nas respostas emocionais das vítimas. O humanitário é retratado como uma forma apolítica e como a implantação dos sentimentos morais ao serviço da política contemporânea (Fassin, 2011). Portanto o humanitarismo pode ter diversos significados, alguns chamam de uma preocupação com o sofrimento dos estranhos distantes; outros afirmam que ele é definido por uma ética de intervenção. (PINHEIRO, texto mimeo)

## **2.5. A solidariedade humanitária**

Em dezembro de 2004 e em agosto de 2005, o mundo entrou em choque ao testemunhar o tsunami que atingiu o Sudeste Asiático, principalmente a Tailândia, e o furacão e a enchente que devastaram a região de Nova Orleans nos Estados Unidos. Esses desastres marcam o vínculo entre as mudanças climáticas e a necessidade para técnicas de prevenção de catástrofes, ideia que corrobora o Plano de Yokohama, apresentado e defendido quase uma década antes, na Conferência Mundial da ONU sobre Prevenção de Desastres Naturais em 1994, no Japão.

As tragédias que afetaram tanto a Ásia quanto a América do Norte trouxeram também a noção de que ricos e pobres talvez não estejam em patamares diferentes. Com esses desastres veio também a esperança de que o conceito de humanitarismo englobaria a todos, porque os desastres não fazem a distinção entre países desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento quando atingem uma região. Quando um desastre acontece, somos todos vítimas.

O antropólogo americano, Clifford Geertz, escreveu sobre a tragédia no Sudeste Asiático um ano depois:

A fatalidade numa escala tão grande quanto essa, a destruição de não só vidas individuais mas populações inteiras, ameaça a convicção de que talvez consola muitos de nós, em quase tudo que pode acontecer nesse mundo,

para a nossa mortalidade: que, mesmo que nós deixemos esse mundo, a comunidade na qual fomos nascidos, e a maneira de viver que ela fornece, irão de alguma forma, permanecer para sempre. (GEERTZ apud FASSIN, 2011, p.11)

Sobre essa fala, o também antropólogo, Didier Fassin, comenta que as fatalidades causadas pelo tsunami despertam em nós não só o luto por uma cultura perdida, mas o senso de que todos nós pertencemos a uma grande comunidade moral, na qual a existência é manifestada através da compaixão que sentimos pelas vítimas dessa tragédia. (FASSIN, 2011, p.11).

Fassin (2011, p.11) afirma que o mundo ficou tão comovido com a magnitude da devastação causada pelo tsunami que as doações financeiras foram proporcionais a esse sentimento. Ele elabora a ideia de que a solidariedade mundial frente aos desastres é o que vai levar ao humanitarismo. Em nome da ajuda humanitária, bilhões de dólares foram arrecadados e enviados à Ásia para fornecer ajuda a todos que perderam suas casas, suas famílias e suas cidades. Fassin diz de modo irônico que lamentamos os mortos, mas celebramos a nossa generosidade, reforçando que apesar da amplitude dos desastres, que afetam a todos, ainda persistiria a ideia que o Sul precisa da ajuda do Norte para se reconstruir e sobreviver. Para o antropólogo, os bilhões de dólares arrecadados e enviados à Ásia em nome da ajuda humanitária serviram como um alívio da culpa que a população mundial sentia. Por isso, ao mesmo tempo em que lamentamos os mortos na catástrofe de 2004, celebramos a nossa generosidade porque sentimos que fizemos a nossa parte frente a essa tragédia.

Desastres como o tsunami, organizações de ajuda humanitária, operações de socorro e intervenções humanitárias fazem parte da nossa experiência nesse mundo. Nós estamos acostumados ao espetáculo global de sofrimento e a demonstração mundial de socorro. O cenário moral aqui delineado pode ser chamado de humanitarismo. (FASSIN, 2011, p.11)

Podemos acrescentar à crítica justificada de Fassin, o argumento de que um aspecto persiste: o de que não existe humanitarismo sem vítimas. Para o pesquisador Antonio Donini, o conceito do humanitarismo é muito ambíguo. Ele engloba três realidades distintas, uma ideologia, um movimento e uma profissão. O que une essas três realidades "é um amplo comprometimento para aliviar o sofrimento e proteger as vidas de civis que estão presos em conflitos ou crises." (DONINI, 2010, p.1 - 2)

O Humanitarismo está ligado as desgraças que acontecem com o homem. Quando essas desgraças deixam de ser providenciais e castigos divinos, o homem se torna uma vítima. Não existe humanitarismo sem vítima, sem esses seres contra quem tudo parece conspirar e que não aparecem como sujeitos de suas vidas, mas como meros sujeitos do mal. À esses, a ação humanitária oferece reparação. (MAILLARD, 2009)<sup>5</sup>

Mas o que torna ainda hoje a discussão sobre a ajuda humanitária tão polarizada? Talvez porque o humanitarismo pode muitas vezes ser confundido com o sentimento de compaixão e ainda sofre muitas críticas.

O antropólogo Didier Fassin, através de interpretações e análises sobre ações e intervenções humanitárias, formula uma crítica ao humanitarismo. Fassin afirma que o humanitarismo tem muito mais a ver com as pessoas que estão doando - seu tempo, seu dinheiro, seu trabalho - do que com as pessoas que estão sendo beneficiadas através dessas doações. Para o antropólogo, o humanitarismo é um meio encontrado para a população mundial sentir que está "fazendo a sua parte" diante de crises humanitárias como já foi dito por outros autores citados neste trabalho. É através das doações que sentimos o alívio de poder ajudar e oferecer algum tipo de compensação ou reparação às vítimas de desastres.

Na palestra "Critique of Humanitarian Reason"<sup>6</sup> no "Institute for Advanced Study" em Princeton, Nova Jersey, nos Estados Unidos em 2010, Fassin falou sobre a situação do Haiti após o terremoto que atingiu o país em 2010 e recebeu grande atenção mundial.

Mobilizações sinceras foram gratificantes tanto para os atores quanto para os receptores que testemunhavam a tragédia. Por um breve momento nós tivemos a ilusão que compartilhávamos uma só condição humana. Nós nos esquecemos dos 30 mil haitianos que estavam na lista para deportação dos Estados Unidos e dos apenas 6% de haitianos que receberam asilo na França - um dos índices nacionais mais baixos e muito atrás de países como o Mali ou o Senegal<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://humanitaire.revues.org/496> , Acessado em abril de 2015.

<sup>6</sup> Palestra realizada "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.

<sup>7</sup> No Brasil, a imigração haitiana cresceu muito desde 2010, quando o terremoto atingiu o país. Devido a forte presença dos militares da força de paz da ONU - em sua grande maioria os brasileiros, os haitianos passaram a ver o Brasil como um porto seguro. Atualmente, estima-se que 50 a 100 haitianos entrem no Brasil ilegalmente pelo Acre, através da fronteira com o Peru. Os haitianos não são considerados refugiados no Brasil. De acordo com a lei, o refúgio em território brasileiro só pode ser concedido a quem estiver sofrendo perseguição em seu país, por motivos étnicos, religiosos ou políticos. No entanto, devido a crise humanitária no Haiti, desde o terremoto em 2010, foi concedido aos haitianos uma exceção para a entrada no Brasil com um visto de trabalho

O humanitarismo se manifesta apenas nos piores momentos de um país. Fassin afirma que ele é uma emoção coletiva que permite que atos de solidariedade sejam concretizados sobre uma fronteira que brevemente fica suspensa entre o rico norte e o pobre sul. Tensões, suspeitas e ressentimentos são colocados de lado por um breve momento. O terremoto no Haiti traz um sonho de reconciliação e a possibilidade de uma reparação material e simbólica. O humanitarismo incorpora um momento único que combina o sentimento de comunidade com a redenção<sup>8</sup>.

Apesar das críticas à compaixão, o antropólogo francês também vislumbra a possibilidade de um humanitarismo mais positivo.

A razão humanitária é tanto racional quanto emocional. Ambos são princípios que ressaltam que seres humanos compartilham uma condição que envolve um sentimento fraternal e de afeição, e é através dessa virtude que nos sentimos pessoalmente preocupados com as situações de outros. Na minha visão, o humanitarismo é sobre compaixão, mas também solidariedade (...). O início da razão humanitária pode ser identificado na reação emocional às atrocidades cometidas nos campos de batalha no final do século XIX, que levaram a criação da Cruz Vermelha<sup>9</sup>.

Fassin acredita que a sociedade como um todo é responsável pelos desastres "naturais" que são transformados em catástrofes devido as frágeis condições sócio, política e econômica de algumas regiões. Através dessa responsabilidade, também vem um sentimento de culpa e a vontade de se redimir por erros cometidos no passado que causaram a vulnerabilidade de determinadas populações atualmente. Para Fassin, no mundo de hoje, onde desigualdades atingiram um nível sem precedentes, o humanitarismo cria a ideia de uma responsabilidade comunitária global que talvez ainda seja viável, e a expectativa de que a solidariedade pode ter poderes de redenção. Isso implica uma tomada súbita de consciência em relação as condições humanas desiguais e "a necessidade moral de não permanecer passivo frente a isso em nome da solidariedade, por mais efêmera que essa consciência seja<sup>10</sup>."

---

de cinco anos. Material disponível em: <http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2989940/conselho-nacional-de-imigracao-cria-visto-especial-de-trabalho-para-haitianos>. Acessado em março de 2015.

<sup>8</sup> Palestra realizada "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.

<sup>9</sup> Palestra realizada "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.

<sup>10</sup> Palestra realizada "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.

É essa tomada de consciência, essa inabilidade de permanecer passivo frente às desigualdades mundiais que alimentam o humanitarismo. Fassin diz que essa é a fraqueza do humanitarismo, mas também a sua força. "Ela constrói uma ponte entre as contradições presentes em nosso mundo e transforma o intolerável de alguma forma tolerável, por isso o humanitarismo tem tanta força na esfera pública<sup>11</sup>."

## **2.6. A intervenção humanitária**

A razão humanitária, ao contrário do que muitos pensam, não é exclusivamente limitada às Organizações Não-Governamentais. O humanitarismo envolve instituições internacionais, muitas vezes sob a bandeira das Nações Unidas. A ONU é uma organização imensa com muitas agências e especializações em diferentes áreas, enquanto ela atua em múltiplos setores, outras organizações internacionais se especializam em determinadas causas.

Mas o que torna o humanitarismo tão poderoso e consensual entre todas essas instituições atualmente? Da onde vem o poder internacional dessa palavra que une todas essas organizações em uma causa comum? Podemos afirmar, junto com Fassin, de que a força do humanitarismo reside na simples, mas potente mensagem que o próprio nome carrega: "A sua fundamental e única justificativa é: salvar vidas<sup>12</sup>".

No entanto, salvar vidas justifica intervir em questões de outros países? Qual é o limite para decidir quando intervir e quais as condições estipuladas para uma intervenção? Desde a década de 70, quando a intervenção de ONGs e agências internacionais para providenciar ajuda as pessoas afetadas por desastres começa a ser discutida até os dias de hoje, não existe um consenso sobre o que justificaria uma intervenção humanitária e quais as diretrizes a serem seguidas quando se chega a esse ponto. Por isso, muitos Estados buscam a ONU e seus estatutos em momentos de tomar decisões difíceis.

Apesar de a ação humanitária ter um objetivo nobre, a bandeira do humanitarismo é muito utilizada para justificar a entrada estrangeira em países, e em mais de uma ocasião seu principal motivo não é salvar vidas.

A intervenção em outro Estado, legitimada por uma autoridade supranacional, como a ONU, chama-se "direito de ingerência". Talvez a maior diferença entre a ONU e outras

---

<sup>11</sup> Palestra realizada "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.

<sup>12</sup> Palestra "Critique of Humanitarian Reason", realizada em Princeton, New Jersey, Estados Unidos, em 17 de fevereiro de 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo> Acessado em março de 2015.



organizações internacionais reside no poder mundial que as Nações Unidas têm. A ideia de "ingerência humanitária", ou seja, a intervenção e violação da soberania de um outro Estado em nome da proteção de vidas, tem sido usada por algumas nações como uma desculpa para intervir em determinados conflitos. Muitas vezes essa intervenção busca defender objetivos próprios e nada tem a ver com os ideais do humanitarismo.

O primeiro registro de uma ingerência humanitária foi na invasão da Polônia pelo governo nazista, alegando que buscavam proteger minorias étnicas alemãs em territórios poloneses em setembro de 1939. Essa invasão marcou o início da Segunda Guerra Mundial e resultou na divisão e anexação da Polônia pela Alemanha nazista aproximadamente um mês depois<sup>13</sup>.

No entanto, não é necessário voltar a 1939 para afirmar que a intervenção humanitária tem servido de fachada para legitimar invasões. Um exemplo recente é a invasão da Rússia na Crimeia, território ucraniano com maioria populacional russa.

Em março de 2014 o presidente russo, Vladimir Putin, assinou um tratado de adesão do território, ocupou a região da Crimeia e invadiu postos militares da Ucrânia, alegando que estava ali para proteger a população local que sofria com discriminação. A ONU, os Estados Unidos e a União Europeia condenaram as ações da Rússia e afirmaram que qualquer ajuda humanitária deveria ser distribuída por organizações humanitárias e não uma nação que tem interesses próprios naquela região<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Inger%C3%A2ncia\\_humanit%C3%A1ria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inger%C3%A2ncia_humanit%C3%A1ria), Acessado em março de 2015.

<sup>14</sup> Em novembro de 2013, a decisão do então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, de recusar um acordo que buscava aprofundar os laços entre a Ucrânia e a União Europeia e se aproximar da Rússia trouxe à tona muitos protestos que expressavam a revolta do povo ucraniano. As razões do porque o presidente ucraniano decidiu não aceitar um acordo que vinha sendo negociado há três anos ainda são incertas. Em janeiro de 2014, cinco manifestantes que exigiam a renúncia de Yanukovich foram mortos após um confronto com a polícia e a violência do conflito na Ucrânia escalou rapidamente. Em fevereiro do mesmo ano, Yanukovich foi destituído e novas eleições deveriam ocorrer em maio. Durante o período de espera, o presidente do parlamento, Oleksander Turchynov assumiu o governo interinamente. Turchynov priorizou a integração com a União Europeia e melhoria da relação do país com a Rússia. Neste momento, a Rússia e os pró-russos ucranianos alegaram que houve um golpe de Estado na Ucrânia, reiniciando uma onda de confrontos. As tensões separatistas aumentaram, principalmente na península da Crimeia, com maioria russa. O governo russo afirmou que houve ameaças aos cidadãos da etnia russa que viviam na península. Na tentativa de amenizar a situação e proteger os civis de origem russa, a Rússia aprovou o envio de tropas à Crimeia. Em março de 2014, foi aprovado um referendo por aproximadamente 96% da população que definia a anexação da Crimeia à Rússia. O referendo não é reconhecido pelo Ocidente. Mesmo sem o reconhecimento da Ucrânia, o presidente russo, Vladimir Putin, assinou um tratado de adesão do território, ocupou a região da Crimeia e invadiu postos militares da Ucrânia, alegando que estava ali para proteger a população. A situação na Ucrânia é extremamente delicada e complicada. Os Estados Unidos e a União Europeia condenaram a decisão da Rússia de invadir o território ucraniano e advertiram que qualquer ajuda de emergência deveria ser distribuída por organizações humanitárias e qualquer tipo de intervenção russa no território ucraniano seria considerada uma invasão. Por conta disso, impuseram sanções à Rússia. Mais de um ano depois do início do conflito, a Ucrânia segue lutando simultaneamente na frente militar contra os separatistas pró-russos e na frente econômica, contra a falência estatal. A ONU estima que mais de 4 mil pessoas morreram neste último ano por causa do conflito no país e ainda não existem previsões para uma paz duradoura na Ucrânia.

O cientista político e ex-consultor da ONU Tomas Weiss, divulgou um comunicado no qual ele afirma que:

A humanidade ou a santidade da vida é o único e primeiro princípio genuíno para justificar uma intervenção. A proteção do direito a vida, amplamente interpretado, pertence à categoria de obrigações cujo respeito é do interesse de todos os Estados, outras obrigações como o trio de neutralidade, imparcialidade e consentimento, e outras interpretações legais do desejo para uma aprovação da ONU - para intervir em outros países - são princípios de segunda ordem. (WEISS apud FASSIN, 2010)

Fassin afirma que a partir dessa citação, é fácil ver como a ordem internacional pode ser abalada por interrupções de razão humanitária como um argumento supremo, como é possível comprovar a partir dos exemplos citados acima.

### 3. O PAPEL DA MÍDIA: SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO MUNDIAL

A mídia tem o poder de divulgar e a capacidade de trazer notícias de acontecimentos distantes para perto de nós em questão de minutos. Mas podemos nos perguntar também, como ela pode nos tornar mais sensíveis a esses acontecimentos e mais próximos dessas questões. Para entender como a mídia pode exercer esse papel de sensibilizar a população mundial, primeiro devemos compreender e descrever o seu papel internacional. Através da aproximação de males distantes e da divulgação do sofrimento de pessoas em outros lugares do mundo, é possível estabelecer uma conexão entre a sensibilização da população mundial e o papel que a mídia exerce dentro desse contexto.

#### 3.1. O papel das agências internacionais e a mídia

O humanitarismo por si só pode causar o sentimento de compaixão, mas sem a cobertura da mídia, campanhas humanitárias como as da ONU, que iremos analisar no capítulo 5, jamais receberiam tanta atenção ou conseguiriam arrecadar fundos. Sem a veiculação de fotos, vídeos e matérias através da internet, televisão, jornais e revistas, não existiriam uma maneira de atingir a grande parte da população mundial em questão de minutos. "O humanitarismo se tornou conhecido através de eventos catastróficos, de imagens que foram disseminadas pela mídia." (FASSIN, 2011, p. 12).

Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental porque expõe situações que jamais seriam conhecidas pelo grande público não fosse um jornalista ou um fotógrafo para contar aquela história, como a BBC coloca em seu site, "um bom jornalismo de campo deve testemunhar eventos que outros possam querer esconder ou ignorar; ou então eventos que estão simplesmente muito longe para a maioria das pessoas se importar".

"Uma função crucial do jornalismo é de não só reportar eventos, mas também engajar o potencial das pessoas de se importarem". (CHOULIARAKI, 2013, p.76) A ideia que Chouliaraki coloca é a base para toda e qualquer campanha que deseja aumentar a visibilidade de uma emergência, um desastre humanitário ou um conflito para conscientizar<sup>15</sup> a população mundial sobre a necessidade de arrecadar fundos para enviar ajuda a determinadas regiões.

A dificuldade nessa missão é de fazer com que pessoas que nunca ouviram falar no Mali, por exemplo, sintam a necessidade de ajudar de alguma forma a população que sofre com a falta de alimentos e com os conflitos internos violentos do país.

---

<sup>15</sup> *Raise awareness*, fazer com que mais pessoas saibam sobre uma situação ou fato, disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/awareness>, Acessado em junho de 2015.

O melhor exemplo de como a mídia tem o poder de mobilizar as pessoas diante de um conflito, é pensar em como durante a guerra do Vietnã a fotografia de guerra se tornou uma crítica (SONTAG, 2003). Foi no momento em que as fotografias começaram a ser veiculadas nos jornais televisivos que as famílias nos Estados Unidos começaram a se conscientizar das atrocidades que estavam sendo cometidas no Vietnã. Os jornais televisivos eram exibidos no mesmo horário que famílias americanas jantavam. Era um costume da época assistir televisão enquanto comiam. Portanto, foi nesse momento, quando a guerra saiu da Ásia para entrar nas salas de jantar da população americana, que as pessoas começaram a se informar do que realmente estava acontecendo na guerra do Vietnã, e os protestos nos Estados Unidos começaram a ganhar força. "As fotografias são uma maneira de tornar "real" (ou "mais real") situações que os privilegiados e os que estão a salvo preferem ignorar" (CHOULIARAKI, 2013, p.76).

Apesar de Sontag estar falando sobre a guerra do Vietnã especificamente, podemos ver como essa mesma situação ainda acontece nos dias de hoje. Seja diante da violência no Brasil ou do terremoto no Nepal, as fotos e os vídeos que denunciam atrocidades e perdas são uma maneira bem eficaz de fazer com que as pessoas acreditem e se mobilizem para tentar mudar uma realidade que até então parecia longínqua. "Em uma era de muita informação, a foto fornece um meio rápido de se inteirar sobre alguma coisa e uma forma compacta de memorizá-la" (SONTAG, 2003). Aqui podemos substituir a palavra "foto" por "mídia", porque atualmente temos acesso não só a fotos, como também vídeos e depoimentos através de aplicativos como o Instagram, sites como Facebook e Twitter que nos fornecem informação de forma rápida e compacta, bem como uma fotografia antigamente.

Ao contrário da guerra no Vietnã, quando um terremoto atingiu o Nepal, em março de 2015, o mundo inteiro pôde ver a destruição em primeira mão e quase que instantaneamente. Através de vídeos e fotos feitos por celulares de pessoas que estavam lá e sobreviveram, postados alguns minutos após o desastre. A internet agilizou o processo da conscientização mundial. Mas o papel da mídia, no sentido mais abrangente, continua igual, e seu alcance é cada vez mais amplo. "É precisamente essa capacidade das notícias de trazer o sofrimento distante para perto de nossas casas e nos convidar a responder a ele que faz do jornalismo uma das forças moralizantes mais cruciais no Ocidente". (MUHLMANN apud CHOULIARAKI, 2013, p. 138)

Outro exemplo que podemos observar quando falamos sobre a importância do papel da mídia em conflitos é o genocídio de Ruanda<sup>16</sup>. Nesse caso, a falta de notícias e de cobertura jornalística teve um efeito mortal. O conflito em Ruanda agravou-se rapidamente e a ausência de informação sobre o que estava acontecendo no país resultou em uma paralisação internacional, tanto os países quanto a ONU, ONGs e agências internacionais nada fizeram. Quando as notícias de que um conflito étnico já tinha se transformado em um genocídio na África, onde crianças eram recrutadas para serem soldados e mutilações e mortes já haviam virado um cotidiano infernal para a população local, a entrada de ONGs ou até mesmo da ONU já era quase impossível. Milhões de pessoas morreram no que ficou conhecido como a mais sangrenta guerra na África.

O jornalismo humanitário, um campo ainda recente no Brasil, mas já estabelecido na Europa e nos Estados Unidos<sup>17</sup>, poderia ter feito a diferença se já existisse quando o genocídio em Ruanda aconteceu. Os jornalistas humanitários são encarregados de cobrir notícias sobre conflitos armados, epidemias e desastres "naturais", por isso é um campo fundamental para divulgar e prevenir que tragédias como a de Ruanda ou a guerra do Vietnã voltem a acontecer.

Os profissionais que decidirem seguir esse caminho devem ter interesse nas áreas de direitos humanos e conhecer leis humanitárias internacionais. O trabalho da ONU e das Organizações que atuam em campo, o financiamento de ajuda humanitária e o acompanhamento de decisões dos governos e organismos internacionais sobre o humanitarismo são temas que um jornalista humanitário cobriria.

Denunciar abusos de direitos humanos, as injustiças sociais e o impacto de guerras na população civil são exemplos de como o jornalismo humanitário é importante para que organizações humanitárias saibam onde existem pessoas precisando de ajuda. "O jornalismo humanitário ainda é um campo em crescimento, mas veículos como a agência de notícias

---

<sup>16</sup> O genocídio em Ruanda foi um crime de ódio. Após quase 50 anos de colonização belga, a rivalidade entre os Tutsis (minorias) e Hutus (maioria), as duas etnias que habitam Ruanda, cresceu. Os problemas econômicos em Ruanda geraram a pior crise alimentar na história do país. Em abril de 1994 o então presidente ruandês, Juvénal Habyarimana, da etnia hutu, foi morto em um atentado. No dia seguinte o genocídio começou. Hutus invadiram territórios Tutsis e exterminaram todas as pessoas que estavam em seu caminho. Tutsis fugiram de Ruanda para o país vizinho e para as montanhas em busca de refúgio. Não se sabe ao certo quantas pessoas foram assassinadas em Ruanda durante os quatro meses de terror, mas estima-se que cerca de 800 mil pessoas tenham perdido suas vidas. Disponível em:

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407\\_ruanda\\_genocidio\\_ms](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms), Acessado em junho de 2015.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/o-que-e-jornalismo-humanitario/>, acessado em junho de 2015.

Reuters, o jornal britânico "The Guardian" e as redes de TV CNN já dedicam espaços exclusivos para notícias relacionadas ao tema<sup>18c</sup>.

### **3.2. A importância da mídia para campanhas humanitárias**

Da mesma forma que a mídia é fundamental para a conscientização de crises, desastres e guerras, ela também é fundamental para a promoção de campanhas realizadas por organizações humanitárias em todo o mundo e pela ONU. "O uso da mídia por parte dessas organizações, para expor corpos famintos, feridos de guerra e de catástrofes, foi o principal propagador desse movimento, sensibilizando o público frente às causas humanitárias" (FERREIRA, 2008, p.90)

A sensibilização da população mundial pode ser feita através da informação e a divulgação de fotos, mas também existe a necessidade de se criar um ambiente mais sensível a essas informações, como o ambiente criado pelas campanhas anuais da ONU que serão abordadas no capítulo 5.

O papel da mídia e do jornalismo é de não só informar, mas também instigar a curiosidade do seu público alvo, fazendo com que cada vez mais pessoas queiram pesquisar e se inteirar mais sobre determinados assuntos. Ao divulgar uma notícia, o jornalismo tem o poder de influenciar a opinião de seus leitores e ao fazer isso, pode estar fazendo daquele leitor um novo porta-voz para a causa humanitária. "O espectador à distância, mesmo sem meios de intervir diretamente, pode se engajar falando do que assistiu e manifestar a maneira como se sentiu afetado, dividindo com outras pessoas certa implicação moral e política." (BOLTANSKI apud FERREIRA, 2007, p.90)

Muitas organizações humanitárias utilizam imagens de guerra e sofrimento para conscientizar e sensibilizar grande parte da população. As crises humanitárias existem e talvez o melhor jeito de fazer com que as pessoas se envolvam mais seja através de imagens chocantes, despertando uma resposta emocional na população. Hanna Arendt (1967) afirma que essa "resposta emocional face ao sofrimento distante de um público generalizado" (ARENDRT apud FERREIRA, 2007, p.90) é a piedade.

Este trabalho tem como objetivo investigar a possibilidade de outro lado desta mídia, que busca sensibilizar a população mundial não pela piedade e compaixão<sup>19</sup> e a vitimização e

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/o-que-e-jornalismo-humanitario/>, acessado em junho de 2015.

<sup>19</sup> Piedade: É caracterizada pelo amor aos miseráveis, aos descamisados, às massas sofredoras. Compaixão: Só compreende particulares, só é afetada por sofredores concretos. (VAZ, Paulo, GAELLE, Rolny, 2010, p. 4)

sim através da divulgação da importância do trabalho humanitário. Por meio de imagens de crianças sorrindo, mesmo estando em campos de refugiados, e não de corpos estirados nos escombros de uma cidade, de famílias sorrindo por saber que estão seguras e tem acesso a comida e água potável, não de pessoas tão subnutridas que seus ossos pulam para fora, de pessoas recebendo cuidados médicos e não morrendo com epidemias.

As campanhas da ONU utilizam as mídias sociais, especialmente o Twitter, Facebook e Instagram, como forma de chamar atenção da população mundial para não só as crises humanitárias enfrentadas por milhares de pessoas todos os dias em lugares que muitos de nós não sabemos nem pronunciar o nome, mas também atraindo a empatia<sup>20</sup> para os agentes humanitários que arriscam suas vidas diariamente em seu trabalho de campo. Existem diversas maneiras de chamar atenção mundial para crises e desastres, as campanhas humanitárias que serão abordadas nesse trabalho, escolhem não divulgar imagens fortes.

É através da sensibilização que as campanhas humanitárias da ONU vão buscar conscientizar a população mundial. Deixando a piedade e o “sofrimento à distância” de lado, não apelando para a exposição dos corpos frágeis das vítimas e sim mostrando que mesmo apesar de suas realidades difíceis, essas vítimas ainda são pessoas, capazes de sorrir e se divertir, mas que para cada vez mais sorrisos possam existir, uma ajuda da população internacional é necessária.

As campanhas do Dia Internacional da Ação Humanitária aproximam os trabalhadores humanitários das vítimas e da população mundial. É através de um processo de seis anos que essas campanhas vão elaborar uma identidade para esses trabalhadores humanitários. Bem como as vítimas sem rosto, comuns ao humanitarismo, esses trabalhadores humanitários também não tinham uma figura própria. Entre as vítimas e os personagens midiáticos, os trabalhadores humanitários começam a ganhar uma face, cada uma com uma história diferente para contar, seja por um relato, um vídeo, uma matéria ou uma foto. É possível identificar essa mudança no decorrer das campanhas que serão abordadas nesse estudo no capítulo 5.

---

<sup>20</sup>Projeção imaginária ou mental de um estado subjetivo, querer afetivo, quer conato ou cognitivo, nos elementos de uma obra de arte ou de um objeto natural, de modo que estes parecem imbuídos dele. Na psicanálise, estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com outra, presumindo sentir o que esta está sentindo. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=empatia>, Acessado em junho de 2015.

## 4. O PAPEL DA ONU

A Organização das Nações Unidas é um dos órgãos mais presentes na área humanitária. Desde 1971, a organização buscava encontrar maneiras de amenizar ou prevenir crises humanitárias.

Através de Conferências Internacionais envolvendo todos os seus Estados-membros, a ONU investiu em ações mundiais concertadas com o objetivo de conscientizar a população mundial sobre as consequências de desastres "naturais" e adotar medidas que impedissem que essas consequências deteriorassem ainda mais as condições de vida de determinadas populações.

### 4.1. O Quadro de Ação de Hyogo na prevenção de desastres e crises humanitárias

A ONU começa a buscar, desde 1971, quando a United Nations Disaster and Relief Organization (UNDRO) foi criada, uma maneira de prevenir as catastróficas consequências de desastres "naturais". As perdas geradas por essas catástrofes "naturais" eram consideradas inestimáveis para a ONU e para o mundo. Em meio às devastações aqui já citadas, perderam-se não só inúmeras vidas, mas também patrimônios culturais e um pouco da história única de cada lugar.

Durante as duas últimas décadas, desastres naturais têm tido a tendência de ser mais destrutivos conforme atingem maiores concentrações de populações. Enquanto a resposta da comunidade internacional tem sido concentrada em ações de ajuda humanitária, agora também é reconhecido de que as consequências reais e potenciais de desastres naturais estão se tornando tão sérias e tão globais que uma ênfase mais forte deverá ser dada para o planejamento e a prevenção pré-desastres. Os efeitos de um fenômeno natural devem ser vistos não só em termos humanitários e sociais, mas também em termos econômicos e de desenvolvimento já que desastres naturais são obstáculos difíceis de serem lidados para o desenvolvimento socioeconômico. Quando calculado em porcentagem de Produto Interno Bruto, as perdas causadas por desastres em muitos países de risco e em desenvolvimento representam um grande set-back para a economia. Por isso, os governos têm prestado mais atenção para a necessidade de desenvolver técnicas para a preparação e prevenção de desastres, e reconhecido o fato de que o planejamento pré-desastres deve ser uma parte integral da política nacional de desenvolvimento<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Introdução do Relatório de desastres naturais e populações vulneráveis da United Nations Relief Organization em julho de 1979, disponível em: <http://www.preventionweb.net/files/resolutions/NL800388.pdf> Acessado em março de 2015.



O termo “crise humanitária”<sup>22</sup> ainda não existia quando a UNDRR foi criada. No entanto, todos os esforços feitos pela agência e pela própria ONU desde 1971 tinham como objetivo prevenir uma crise humanitária. A intenção de todas as medidas adotadas pela ONU e suas agências era evitar que tais crises existissem em primeiro lugar. É nesse âmbito que surge, durante a conferência da ONU em Kobe, no Japão, em 2005, o Quadro de Ação de Hyogo. Reconhecendo que a resposta aos desastres já não é mais o suficiente em termos de assistência às populações afetadas, as Nações Unidas investem em soluções que possam ajudar na prevenção de desastres e na preparação para a população em regiões com riscos potenciais caso um desastre aconteça, evitando a escalada de um desastre para uma crise humanitária.

O Quadro de Ação foi a estratégia internacional encontrada para conscientizar a população mundial sobre a Redução de Risco de Desastres através de ações globais e concertadas para responder ao impacto dos desastres a nível nacional. As ações teriam a duração de uma década, terminando em 2015. Os 168 países que adotaram o Quadro de Hyogo deveriam promover uma abordagem estratégica e sistemática na redução da vulnerabilidade e na promoção de ações para que nações e comunidades se tornassem resilientes<sup>23</sup> em relação aos desastres, com a participação das populações, ideia defendida e difundida atualmente por agências internacionais. (REVET, 2011, p. 171 e 172<sup>24</sup>).

---

<sup>22</sup> De acordo com a Cruz Vermelha, uma crise humanitária é quando existe uma falência total ou considerável das autoridades de determinado país, região ou sociedade, normalmente por causa de conflitos internos ou externos, que precisa de uma resposta internacional que vai além do mandato ou da capacidade de uma só agência e/ou algum programa da ONU no local. As características de tais crises são: violência e perda de vidas numa escala extensiva, deslocamento de populações, danos extensivos para sociedades e economias, a necessidade de assistência humanitária em larga escala, a não cooperação ou proibição da prestação de assistência humanitária por restrições políticas ou militares e riscos significativos para os agentes humanitários em algumas áreas. Disponível em: <https://www.ifrc.org/en/what-we-do/disaster-management/about-disasters/definition-of-hazard/complex-emergencies/> Acessado em maio de 2015.

<sup>23</sup> Resiliente: capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/resilient>

<sup>24</sup> O Quadro de Ação de Hyogo teria cinco objetivos:

- Garantir que a Redução de Risco de Desastres fosse uma prioridade nacional através de um mecanismo institucional designado pela Plataforma Nacional para a Redução de Risco de Desastres. Essa medida conta com o comprometimento político dos Países Membros na construção da resiliência frente aos desastres.
- Identificar, avaliar, monitorar os riscos de desastres e melhorar os alertas de emergência. Para atingir esse objetivo, seria fundamental aprofundar conhecimentos científicos relacionados as vulnerabilidade físicas, sociais, econômicas e ambientais de cada sociedade.
- Construir uma cultura de segurança e de resiliência, através do conhecimento, da inovação e da educação. Essa prioridade aborda a dimensão social do Quadro, compreendendo que o risco de desastres em qualquer lugar do mundo é possível e pode ser amenizado quando as populações estão devidamente informadas e têm uma noção sobre a cultura de prevenção. Atividades como a gestão e divulgação de informações pertinentes, educação e formação da população, investimento em pesquisa e a sensibilização do público contribuiriam fortemente para o cumprimento desse objetivo.
- Reduzir os fatores de risco subjacentes. Essa medida aborda a dimensão da vulnerabilidade. Já estabelecemos que o risco de desastres não está apenas associado à ocorrência de eventos extremos, mas sim à forma como estes fenômenos interagem com o espaço construído pelo homem, portanto, atividades essenciais para o

O principal objetivo do Quadro de Ação Hyogo seria de prevenir catástrofes humanitárias. Se todas as medidas propostas no Quadro fossem implementadas e cumpridas, um desastre "natural" não só não causaria tanto dano a uma sociedade, como também reduziria a necessidade de intervenção humanitária seja da ONU, de ONGs ou de agências internacionais. As ações do Quadro deveriam tornar as sociedades de risco mais resilientes e conscientes. As cidades deveriam ser organizadas da melhor maneira possível para se no caso de uma catástrofe acontecer, mais vidas pudessem ser salvas e menos perdas culturais fossem inevitáveis. Elas deveriam conscientizar sociedades sobre os riscos de construir fábricas que trabalham com produtos tóxicos próximas de cidades habitadas e em geral, ensinar as populações como agir e reagir em caso de uma catástrofe.

Dentro e fora do Quando de Ação de Hyogo, a ONU têm adotado nos últimos anos inúmeras medidas para prevenir crises humanitárias e fornecer apoio para países que sofrem com elas. Entre essas medidas estão as campanhas humanitárias lançadas anualmente pela organização, que esse estudo irá abordar em seguida.

#### **4.2. A ONU e o Dia Internacional da Ação Humanitária**

A Organização das Nações Unidas é dividida em diversas Agências e Escritórios, cada um especializado em uma área. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) são os dois órgãos encarregados de "gerenciar" ações humanitárias dentro da ONU. Um dos temas que será abordado nesse trabalho é o Dia Internacional da Ação Humanitária.

---

cumprimento desse objetivo incluíam a gestão ambiental e de recursos naturais, boas práticas em matéria de desenvolvimento social e econômico e o desenvolvimento do território e a adoção de medidas técnicas adequadas.

- Reforçar as estratégias de preparação face aos desastres. O quinto e último objetivo aborda a dimensão da ação de emergência frente aos desastres. Partindo do princípio de que é possível limitar as consequências dos desastres e das perdas caso as autoridades, os cidadãos e as comunidades estejam familiarizados com conhecimentos e capacidades que lhes permitam gerir e reagir eficazmente durante e após o desastre. Planos de emergência, armazenamento de material e alimentos, serviços de urgência e os dispositivos de permanência, comunicação, distribuição de rede elétrica, mecanismos de gestão e de coordenação de informação, formação pessoal, exercício coletivos e a educação d população são medidas que deveriam ser tomadas para atingir a preparação das sociedades frente a um desastre. Essas ações ajudariam e assegurariam a sincronia entre as atividades de gestão de desastres, proteção civil, garantir o entendimento entre as esferas humanitárias e do desenvolvimento, através da criação ou extensão de capacidades nacionais para conduzir atividades de avaliação dos prejuízos causados. Principalmente o reforço das capacidades de gestão em situação de desastres, apoio ao diálogo interinstitucional e um fundo para calamidades e desastres são essenciais para o cumprimento deste último objetivo. (RODRIGUES, Teresa, 2010, p. 225)

Aprovado em 19 de dezembro de 2008, durante uma Assembleia Geral das Nações Unidas, o Dia Mundial da Ação Humanitária busca homenagear todos os trabalhadores humanitários e funcionários das Nações Unidas que perderam suas vidas durante missões que visavam a promoção da causa humanitária e dava suporte a vítimas de conflitos armados.

O dia escolhido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) para a celebração anual do Dia Internacional da Ação Humanitária foi 19 de agosto, o dia em que a sede da ONU em Bagdá, no Iraque, sofreu um atentado terrorista, matando 22 funcionários das Nações Unidas, entre eles o representante especial do Secretário Geral das Nações Unidas na época, o brasileiro, Sérgio Vieira de Mello.

Desde 2009, o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) comanda ações mundiais para celebrar a data, e todos os anos existe uma campanha para aumentar a visibilidade de crises e ações humanitárias em todo o mundo. De acordo com a ONU, ações humanitárias constituem o envio de ajuda material e logística para pessoas em situações extremas. É uma medida de curto prazo, apenas enquanto o governo ou outras instituições reconstruem o que foi perdido em desastres naturais e conflitos armados<sup>25</sup>.

Apesar de a ação humanitária ser uma medida paliativa e emergencial, ela tem, nos últimos anos, se tornado permanente. O principal objetivo das ações humanitárias seria de devolver as populações afetadas sua independência, fornecendo as ferramentas necessárias para que aquela comunidade pudesse ser autossuficiente. Enquanto agências humanitárias internacionais dão esse suporte emergencial, o governo local deveria trabalhar para reconstruir as áreas em crise para dar suporte àquelas populações, no entanto, esse não é o cenário atual.

Quando catástrofes naturais acontecem, casas são destruídas, deslocando comunidades inteiras. Quando a guerra ou a agitação civil devastam uma comunidade, pessoas são deslocadas à força para proteger a vida e a integridade física. Elas têm apenas duas opções: a morte por privação, assaltos ou genocídios, ou a vida no exílio<sup>26</sup>.

Os campos para refugiados na África, Ásia e no Oriente Médio, são os mais extensos e onde a população de refugiados cresce exponencialmente, mas permanece ali por não ter para onde ir. O que era para ser um local transitório, onde famílias esperariam em segurança até

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.un.org/en/sections/what-we-do/deliver-humanitarian-aid/index.html> Acessado em março de 2015.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://nacoesunidas.org/acao/refugiados/> Acessado em junho de 2015.

que a situação em suas casas, seja ela de conflito ou catástrofe natural melhorassem, tem se tornado sua morada permanente. Aumentando a necessidade de ajuda humanitária, do envio de comida, da instalação de escolas e centro médicos dentro dos campos para refugiados que cada vez mais se parecem com pequenas cidades em formação<sup>27</sup>.

A Comissão Permanente Interagencial (IASC) é responsável por reunir, através da sua abordagem em grupo, todas as principais agências humanitárias, tanto dentro como fora do sistema das Nações Unidas, para uma ação coordenada para ajudar populações em crise. Os organismos da ONU mais envolvidos na ação humanitária incluem a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), o Programa Mundial de Alimentos (PMA), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos (ACNUDH)<sup>28</sup>.

O OCHA é o órgão dentro das Nações Unidas responsável por unir agentes humanitários para garantir uma resposta coerente a emergências. O Escritório também é responsável pela logística de programas que contribuem ao esforço de respostas mais eficazes. De acordo com a ONU, agentes humanitários são tanto pessoas que trabalham em campo, muitas vezes arriscando suas vidas em suas missões, quanto pessoas que apoiam essas ações através de doações e ajudando a conscientizar a população mundial sobre as crises humanitárias. Agentes humanitários são pessoas que contribuem positivamente para a ajuda humanitária. São “pessoas que ajudam pessoas”<sup>29</sup>.

Isso significa que a missão do OCHA é de mobilizar e coordenar de maneira efetiva ações humanitárias em parceria com atores nacionais e internacionais para amenizar o sofrimento humano em caso de desastre ou emergência, defender os direitos de pessoas em necessidade, promover ações que buscam preparar e prevenir populações e locais para situações de desastre e/ou emergência e facilitar soluções sustentáveis.

Atualmente o Escritório possui mais de 30 sedes e aproximadamente 1.900 profissionais trabalhando para garantir que uma assistência eficaz consiga alcançar milhões de beneficiários em todo o mundo.

---

<sup>27</sup> Para saber mais sobre o maior campo de refugiados no mundo, Za'atari, na Síria, acesse o link disponível em: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/08/parece-uma-cidade-mas-e-um-bcampo-de-refugiados-da-guerra-na-siriab.html>, acessado em junho de 2015.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://nacoesunidas.org/acao/refugiados/> Acessado em junho de 2015.

<sup>29</sup> Disponível em: [http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD\\_Deck\\_presentation\\_20\\_July.pdf](http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD_Deck_presentation_20_July.pdf) Acessado em março de 2015.

Em 2009, surgiu o primeiro vídeo para celebrar o dia internacional da Ação Humanitária. Em 2010 e 2011 o dia também foi marcado com a divulgação de vídeos e músicas que buscaram chamar a atenção mundial para a importância da ação humanitária.

Em 2012 surgiu pela primeira vez a campanha "Eu estive aqui", que teve como objetivo aumentar a conscientização da importância do trabalho humanitário e profissionais que trabalham nessa área para uma nova audiência global. A campanha teve como portadora de voz a cantora Beyoncé, que doou a música "I Was Here" e gerou um bilhão de mensagens de pessoas em todo o mundo nas redes sociais em apenas um dia.

Em 2013 a campanha "Do que o mundo precisa mais?" foi lançada como uma vertente da campanha no ano anterior. No entanto, ela buscou tanto provocar pessoas em todo mundo quanto arrecadar fundos que muito provavelmente salvaram vidas. Diferente da campanha em 2012, "Do que o mundo precisa de mais" obrigou as pessoas a pensar no que elas acreditam que tornaria o mundo melhor. Mais educação? Mais amor? Mais tolerância?

E com a simples ação de utilizar uma hashtag (#) elas estariam doando dinheiro para o Fundo Central de Resposta de Emergência (CERF).

O público alvo dessa campanha foi bastante amplo, dado que tudo o que você precisava ter para participar era uma conta no Facebook ou Twitter. Quanto mais pessoas participassem, melhor seria. O DJ francês, David Guetta, também doou uma música para esta campanha.

O Fundo Central de Resposta de Emergência (CERF), para onde os fundos arrecadados pela campanha de 2012 foram alocados, é um dos meios mais eficazes de dar apoio para ações humanitárias rápidas para pessoas afetadas por desastres e conflitos armados. O Fundo recebe contribuições voluntárias em qualquer época do ano para fornecer financiamento imediato para ações que salvam vidas em qualquer lugar do mundo.

Anualmente o Fundo recebe em média 450 milhões de dólares de doadores, na sua grande maioria governos, mas também de fundações, companhias, instituições de caridade e indivíduos. Esse dinheiro é arrecadado e é somente liberado para uso imediato em caso de emergências, situações que correm o risco de deteriorarem rapidamente ou em casos de crises prolongadas para as quais não foi possível arrecadar fundos suficientes para dar apoio as vítimas.

Em caso de emergência, organizações humanitárias solicitam a retirada de fundo imediato. Caso a proposta das organizações seja condizente com os critérios de emergência do Fundo, listadas acima, elas obtém o dinheiro imediatamente, possibilitando a execução de

ações como a entrega de comida e água potável em áreas de risco, suprimentos médicos e outros bens vitais necessários para dar suporte e assistência de maneira mais eficiente.

É importante lembrar que os fundos realocados do CERF são para complementar outras fontes de financiamento humanitário, como fundos arrecadados pelos próprios países. O CERF é responsável por providenciar fundos quando eles são mais necessários: no início de crises e/ou quando cada minuto pode salvar uma vida. A liberação de fundos pode ser realizada em 48 horas.

Duas vezes por ano, fundos do CERF são disponibilizados para crises que não vemos nos noticiários. São as crises que foram negligenciadas ou esquecidas, para as quais a tarefa de arrecadar fundos é mais árdua.

Em 2014, o CERF disponibilizou 86 milhões de dólares para 10 países que sofrem com crises humanitárias. Embora pouco divulgadas e até mesmo esquecidas, as crises no Mali, em Mianmar, Chade, Colômbia, Djibuti, Coreia do Norte, Haiti, Sudão, Uganda, e Iêmen foram consideradas as piores crises humanitárias na época. A subsecretária-geral da ONU para assuntos humanitários, Valerie Amos, afirmou que “As pessoas que vivem algumas das crises humanitárias mais críticas, nem sempre recebem a atenção de que precisam”<sup>30</sup>.

Os principais objetivos do CERF são: promover ações e respostas o mais rápido possível para reduzir a perda de vidas, melhorar a resposta para crises nas quais o tempo é tudo e fortalecer os elementos fundamentais na resposta humanitária para crises que recebem menos apoio do que o necessário.

Devido ao sucesso das campanhas em 2012 e 2013, em 2014 a ONU lançou "O mundo precisa de mais... heróis humanitários". A campanha buscou informar e manter o interesse da audiência atingida nas campanhas anteriores, chamando atenção principalmente para os trabalhadores humanitários que atuam em campo. Todas essas campanhas serão analisadas em mais detalhes no próximo capítulo desse estudo.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.onu.org.br/> Acessado em junho de 2015.

## 5. ESTUDO DE CASO: AS CAMPANHAS HUMANITÁRIAS ANUAIS DA ONU

O Dia Internacional da Ação Humanitária é celebrado anualmente no dia 19 de agosto, para lembrar todos os trabalhadores humanitários que perderam suas vidas exercendo suas funções e honrar todos aqueles que arriscam suas vidas todos os dias cumprindo suas missões. As campanhas humanitárias da ONU são a maneira da organização marcar esse dia chamando a atenção mundial e lembrando a todos da importância do trabalho exercido por essas pessoas.

A partir da análise dessas campanhas pretende-se observar a mudança de como elas interagem com o público em geral e como buscam envolver a população mundial na causa humanitária.

### 5.1. 2009: Vamos cumprir nosso dever humanitário

Em 2009 foi lançado o primeiro vídeo sobre o Dia Internacional da Ação Humanitária. Nele, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, fala sobre a importância de celebrar essa data e renovar o comprometimento que a ONU tem com todas as pessoas que são vulneráveis e marginalizadas.

Ki-moon também reforça que é um dia para se prestar tributo a todos os trabalhadores humanitários que perderam suas vidas em campo. Ele afirma no vídeo que esses trabalhadores humanitários têm diferentes histórias e vêm de todos os lugares do mundo porque acreditam que "o sofrimento de uma pessoa, é uma responsabilidade de todos"<sup>31</sup>.

Essa frase também representa uma maneira de se dizer que moralmente, todas as pessoas no mundo são responsáveis pelo sofrimento de um indivíduo. Ela ao mesmo tempo retira a responsabilidade política dos Estados, empresas, etc. para com as vítimas e faz com que as pessoas pensem que a culpa não é somente de um ou de outro, é de todos. Entra a ideia da culpa e da compaixão para socorrer as vítimas e sai a ideia dos aspectos históricos e sociais que explicam as sociedades vulneráveis.

Para os preguiçosos essa frase pode servir como uma desculpa para não agir, porque a culpa do sofrimento de determinadas pessoas não seria só deles. Para aqueles que acreditam na causa e tem o desejo de transformar o sofrimento alheio em felicidade, essa frase pode motivar ainda mais, porque essa transformação só será possível se todos fizerem a sua parte.

---

<sup>31</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m8Yhx\\_RkGFA](https://www.youtube.com/watch?v=m8Yhx_RkGFA) Acessado em junho de 2015.

Esse primeiro vídeo divulgado em 2009 se utiliza desse conceito para fazer com que as pessoas reajam a realidades vividas por outras pessoas em outros lugares do mundo. É através dessa conscientização da população que a ONU busca engajar pessoas na causa humanitária moral.

No vídeo, Ki-moon também lembra de Sérgio Vieira de Mello, o enviado especial do secretário-geral da ONU na época, Kofi Anan, para a sede da ONU em Bagdá que sofreu um ataque terrorista no qual Vieira de Mello faleceu. O secretário-geral afirma que o legado de Sérgio permanece, assim como ele, muitos outros funcionários da ONU já perderam suas vidas heroicamente em outras missões, e eles não serão esquecidos. Ele afirma que todos os trabalhadores humanitários no mundo precisam da nossa ajuda para realizar suas tarefas em meio a desastres e guerras, eles precisam que nós zelemos pela sua segurança, bem-estar e independência. "O Dia internacional da Ação Humanitária foi criado para chamar a atenção para as pessoas que precisam da nossa ajuda, elas devem receber a assistência que elas têm direito"<sup>32</sup>.

A figura de Sérgio Vieira de Mello é imortalizada como a de um grande herói, um indivíduo, porém também um salvador que enfrentou desafios e perigos em nome de outros para trazer a paz e a estabilidade à nações conturbadas, até que sua missão em nome dos valores de compaixão, levou a sua morte.

## **5.2. 2010: Nós somos trabalhadores humanitários**

Em 2010, o OCHA lançou um segundo vídeo para celebrar a data, o "Projeto do Dia Internacional da Ação Humanitária". Diferente do vídeo divulgado no ano anterior, o secretário-geral da ONU não aparece nas imagens. São mostradas cenas de diferentes países, com diferentes pessoas. Crianças, famílias, famosos, funcionários da ONU e pessoas em seu dia a dia são filmados. Sem nenhuma identificação de nome ou cargo ocupado, apenas com o nome do país onde aquela cena foi filmada, eles seguram folhas de papel com mensagens escritas:

"Existem centenas de milhares de nós", "trabalhando em todos os países", "em todo o mundo", "nós trabalhamos juntos", "com parceiros", "com você", "para salvar vidas", "e reconstruir meios de subsistência", "todos os dias", "nós combatemos", "doenças", "fome", "e a violência contra mulheres", "todos que precisam têm direito a nossa ajuda", "independente

---

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m8Yhx\\_RkGFA](https://www.youtube.com/watch?v=m8Yhx_RkGFA) Acessado em junho de 2015.



da sua raça, religião ou visão política", "esse ano", "nós iremos entregar comida", "para milhões de pessoas", "nós iremos reunir famílias", "fornecer abrigo", "e vacinar milhões de crianças", "incluindo a Jane", "esse é o nosso escritório", "e esse também", "nós somos profissionais", "nós usamos roupas", "como essa", "nós trabalhamos em ambientes hostis", "mas não estamos carregando armas", "nem escolhendo um lado", "centenas de nós já foram sequestrados ou mortos", "nós somos mães e pais", "filhos e filhas", "maridos e esposas", "nós somos uma equipe de salvamento", "nós somos pesquisadores", "nós somos trabalhadores sociais", "nós somos pilotos", "nós somos motoristas", "nós somos professores", "nós somos trabalhadores humanitários<sup>33</sup>".

Humanidade, neutralidade, imparcialidade e independência, esses são os pilares do humanitarismo indicados nas imagens desta campanha. Bem como em 2009, esse vídeo chama atenção para as diferentes funções que um trabalhador humanitário pode ter, e ressalta os países nos quais estão presentes, buscando conscientizar<sup>34</sup> a população mundial da existência dessas pessoas, da importância de seu trabalho e homenageá-las, porque todos os dias essas pessoas arriscam suas vidas por outros seres humanos que não conhecem. Ambos os vídeos exaltam a nobreza dessa profissão. São pessoas que se sacrificam por outros e não pedem nada em troca. Pessoas que não tem seus rostos estampados mostrando o quão generosos eles são. São heróis anônimos, salvadores movidos pela solidariedade.

### **5.3. 2011: Se eu pudesse mudar**

O evento de 2011 teve uma abordagem diferente. A ONU fez uma parceria com os artistas Ziggy Marley, Sweet Rush e Salman Ahamad para lançar uma música. Produzida por Jerry Wonda, que já ganhou um grammy pelo seu trabalho, a música "If I Could Change" (Se Eu Pudesse Mudar) chama atenção e faz com que seus espectadores se perguntem: "Se eu pudesse fazer uma coisa para mudar o mundo...O que seria?".

O vídeo que acompanha essa música é composto de imagens de pessoas em todo o mundo. Crianças, famosos, mães, médicos, professores e outras muitas pessoas vivendo seus dia a dia, retratando as dificuldades enfrentadas por cada um deles.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=951Q-IzEhOc> Acessado em junho de 2015.

<sup>34</sup> Raise awareness, fazer com que mais pessoas saibam sobre uma situação ou fato. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/awareness>, Acessado em junho de 2015.

A música o tempo todo fala sobre como “se eu pudesse mudar alguma coisa”, “seria tirar a dor que eu vejo em outras pessoas, ninguém nunca estaria sozinho, ninguém faria o mal e todos se dariam bem.” “Queria poder mudar o fato de que a vida é muito curta, e fazer a mudança acontecer. Queria poder mudar o fato de que crianças morrem de sede todos os dias, que as mulheres são desrespeitadas e as pessoas vivem com medo e em meio ao ódio.” “Apenas o amor pode mudar essa realidade. Gostaria de mudar o jeito como não nos amamos mais. Não vou parar até conseguir mudar o jeito como as coisas estão sendo feitas. Chega de lágrimas e de dor.” “Se eu pudesse eu faria com que elas não existissem mais. Sim, nós vamos continuar vivos e vamos sobreviver para ver um mundo melhor<sup>35</sup>”.

Em 2011, o Escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) tinha como objetivo, através dessa música, criar a marca do "Dia Internacional da Ação Humanitária" para atingir a população mais jovem que não conseguiu com as campanhas anteriores. Para isso, a campanha apostou nas mídias sociais, como Facebook, Twitter e YouTube, plataformas online que conectam pessoas do mundo inteiro, em especial jovens. Através de opção de "compartilhar" algo que você julga interessante na sua página em qualquer uma dessas plataformas, esse conteúdo pode ser multiplicado milhões de vezes por outros perfis, atingindo muitas vezes um público mundial em questão de minutos.

A campanha "Se Eu Pudesse Mudar", convidava pessoas a fazerem um vídeo de 30 segundos mostrando a ideia que tinham para mudar alguma coisa no mundo. O vídeo seria exibido para o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. "Existem milhões de pessoas em todo o mundo que precisam de ajuda, você tem uma ideia que pode ajudá-las?". O vencedor da campanha ganharia uma viagem para Nova York e a oportunidade de apresentar a sua ideia cara a cara com Ban Ki-moon.

Diferente das campanhas anteriores, em 2011 a ONU buscou ampliar seu público alvo e pediu que as pessoas se envolvessem com a causa. Ao oferecer "um prêmio" para a melhor ideia, a campanha ganhou mais atenção e interesse do público. Chouliaraki afirma que houve uma mudança na estética da comunicação de solidariedade. Quando antes fazer o bem para outros tinha mais a ver com a nossa humanidade em comum, fazer o bem sem pedir nada em retorno, agora tem mais a ver com a sensação de como eu vou me sentir se fizer isso. É nesse sentido que a recompensa entra na lógica da comunicação de solidariedade. Chouliaraki chama esse novo movimento de "altruísmo egoísta". (CHOULIARAKI, 2013)

---

<sup>35</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=n\\_O3CxEQrFI](https://www.youtube.com/watch?v=n_O3CxEQrFI) Acessado em junho de 2015.

Quando essa mudança “do que pode ser feito” para “o que eu posso fazer” é acentuada, existe uma aproximação entre os indivíduos e os heróis sem rosto. Todos nós podemos nos tornar trabalhadores humanitários, todos nós podemos ser Sérgio Vieira de Mello. Acaba-se a ideia do espectador à distância de Boltanski, citado anteriormente nesse estudo, e forma-se uma nova identidade dos trabalhadores humanitários que agora podem não só assistir, mas também “agir à distância”. O espectador deixa de se identificar com as vítimas e com o sofrimento, e passa a se identificar com os heróis.

Em 2011 a ONU desenvolveu uma plataforma online para divulgar o concurso. Em apenas três semanas a plataforma recebeu mais de 650 vídeos. O site do OCHA para o Dia Internacional para a Ação Humanitária recebeu mais de 93 mil visitas e a campanha foi mencionada no Twitter por 11.2 milhões de pessoas. Esse foi o início das campanhas mundiais que seguiriam em 2012, 2013 e 2014 utilizando as mídias sociais como principais plataformas para divulgação<sup>36</sup>.

#### **5.4. 2012: Eu estive aqui**

A campanha para o Dia Internacional da Ação Humanitária em 2012 envolveu a cantora Beyoncé. Ela foi a porta-voz da campanha e doou a música "Eu estive aqui". Em apenas um dia, mais de um bilhão de pessoas compartilharam a mensagem "Neste Dia da Ação Humanitária eu estou fazendo o bem em algum lugar, para uma outra pessoa. Junte-se a mim!".

No lançamento do vídeo para a campanha, Beyoncé foi à sede das Nações Unidas em Nova York para cantar a música. A mensagem da campanha em 2012 que foi divulgada era: "Um dia, uma mensagem, um objetivo. Para inspirar pessoas em todo o mundo para fazer alguma coisa boa, não importa quão grande ou pequena, para uma outra pessoa."

Diferente das campanhas anteriores, a música de 2012 fala sobre como você, de maneira individual pode deixar sua marca positiva no mundo. Como você pode fazer a diferença na vida de alguém e mudar o mundo pouco a pouco. Fazer o seu melhor, trazer felicidade para alguém e fazer do mundo um lugar melhor, para que mesmo quando você não esteja mais nele, as pessoas se lembrem de você e do impacto positivo que você deixou para trás, da sua marca<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.unocha.org/ochain/2012-13/stories/WHD> Acessado em junho de 2015.

<sup>37</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=i41qWJ6QjPI> Acessado em junho de 2015

O que você vai fazer para deixar a sua marca? O que você vai fazer para ajudar o próximo? Como as pessoas vão lembrar de você? São perguntas que tanto a campanha como você vão fazer ao final da música. O vídeo faz com que você realmente pense sobre as suas ações e em como você poderia ajudar alguém, de forma que mesmo quando a música acaba, a pergunta “o que você vai fazer?”, inserida no final do vídeo, permanece ecoando nos seus pensamentos.

Nesse aspecto, a campanha de 2012 difere de todas as outras porque o foco que ela busca não é o de chamar atenção para os agentes humanitários, tampouco para crises específicas. O foco é saber o que você, como indivíduo, vai fazer para ajudar as pessoas que precisam. O que você, como indivíduo, vai fazer para deixar a sua marca de forma positiva? Mais uma vez pode-se relacionar o conceito de Chouliakari, do "altruísmo egoísta" (CHOULIAKARI, 2013). Se eu fizer alguma coisa que deixará um impacto positivo no mundo, eu vou deixar uma marca e isso faz com que eu me sinta bem, com que eu me sinta importante. Portanto, isso faz com que eu queira ajudar, então a campanha pergunta: "O que você vai fazer?". O vídeo da campanha foi visualizado 21 milhões de vezes e rendeu uma nomeação para "Melhor Vídeo com uma mensagem social" no aclamado "MTV Music Awards".

A chefe do OCHA, Valerie Amos, afirmou que a música ajudou a ONU a levar a principal mensagem do Dia Internacional da Ação Humanitária, que é a importância de pessoas ajudarem outras pessoas, para um bilhão de pessoas, e encorajou que indivíduos em todo o mundo façam algo positivo por outros<sup>38</sup>.

### **5.5. 2013: O mundo precisa de mais...**

Em 2013 a campanha teve uma abordagem diferente. O OCHA lançou a "O mundo precisa de mais...", com o objetivo de transformar palavras em apoio real para pessoas em todo o mundo. Algumas das maiores marcas do mundo como a Barclay's e a Gucci participaram da campanha ao patrocinar uma palavra.

"Estamos pedindo às marcas mais importantes do mundo que patrocinem uma palavra que elas acreditam que o mundo precisa de mais - e que escolham uma palavra que mostre seus valores e missão<sup>39</sup>."

---

<sup>38</sup> Disponível em: <http://www.unocha.org/top-stories/all-stories/world-humanitarian-day-video-nominated-major-award> Acessado em junho de 2015.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://e25.d32.myftpupload.com/docs/whd2013.pdf> Acessado em junho de 2015.

Toda vez que uma pessoa, em qualquer lugar do mundo, usasse uma hashtag (#) com uma das palavras patrocinadas no Twitter ou através de mensagens de texto, 1 dólar americano seria doado ao CERF em nome da campanha - cada empresa doaria uma certa quantia de dinheiro para cada palavra. O dinheiro arrecadado seria utilizado para financiar os esforços de ajudar humanitárias em alguns dos lugares mais necessitados mas com poucos recursos financeiros para receber a ajuda que precisam.

De acordo com o OCHA, essa campanha foi uma maneira de reinventar como o setor privado e o público apoiam as causas humanitárias, através de uma nova plataforma de solidariedade que transformou palavras em fundos.

"A cada ano, as necessidades humanitárias aumentam, mas os recursos tradicionais não mantêm o mesmo ritmo"<sup>40</sup> Em 2013 agências humanitárias queriam fornecer ajuda para cerca de 73 milhões de pessoas em todo o mundo, por isso, o OCHA busca novas maneiras de atingir cada vez mais pessoas e conseguir arrecadar mais fundos.

A campanha em 2013 também contou com vídeos da personalidade do YouTube, Kid President, que fez uma entrevista com a cantora Beyoncé. A participação de um dos DJ's mais famosos do mundo, David Guetta, que como Beyoncé no ano anterior, e Ziggy Marley antes dela, também doou uma música para a campanha, intitulada "One voice"<sup>41</sup>.

O vídeo foi feito com imagens de pessoas do mundo inteiro, com as # seguidas de palavras em diferentes línguas. A mensagem que a música passa é que todos nós temos que ter uma voz, e tem que ser a sua.

Mais de 700 mil dólares foram arrecadados durante essa campanha e doados para o CERF, onde foram redistribuídos para as crises humanitárias do Haiti, Iêmen e Afeganistão.

## **5.6. 2014: O mundo precisa de mais: heróis humanitários**

A premissa para a campanha de 2014 foi manter e informar o público já atingido nas últimas campanhas. "O mundo precisa de mais... heróis humanitários" foi o tema da campanha para celebrar o Dia Internacional da Ação Humanitária.

Foi criada uma comunidade online chamada "Os mensageiros da Humanidade", com o objetivo de propagar histórias e conteúdo humanitário. O objetivo a longo prazo dessa comunidade será de fornecer um fórum para parceiros compartilharem conteúdo e mensagens. A primeira etapa foi convidar pessoas para fazerem parte dessa comunidade. "Como um

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://e25.d32.myftpupload.com/docs/whd2013.pdf> Acessado em junho de 2015.

<sup>41</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_lnPzsAuLy4](https://www.youtube.com/watch?v=_lnPzsAuLy4) Acessado em junho de 2015.

mensageiro da humanidade nós pediremos que você compartilhe histórias inspiradas, fotografias emocionantes e que seja ativo durante uma emergência”<sup>42</sup>. A segunda etapa foi o lançamento do site da campanha. Um site interativo que conta as histórias compartilhadas pelos mensageiros da humanidade. A terceira etapa foi divulgar a campanha em mídias como Twitter, onde a ONU contou com a ajuda de algumas personalidades que convidaram seus seguidores a visitarem o site da campanha e se inscreverem para serem mensageiros da humanidade e postar no Twitter o seu apoio aos trabalhadores humanitários que estão em campo cumprindo suas missões.

Dentro do site da campanha, foram criados perfis de trabalhadores humanitários com o objetivo de ressaltar as muitas facetas do trabalho humanitário - do setor privado aos voluntários. "Esses perfis são fundamentais para contar a história do humanitário”<sup>43</sup>.

As crises humanitárias mais graves foram destacadas em um mapa, onde cada país teve um perfil divulgado, explicando as crises enfrentadas por cada um deles através de vídeos e fotos. Inicialmente somente a República Centro-Africana, a Síria, o Sudão do Sul, o Haiti, Mianmar e o Afeganistão foram incorporados no mapa, por representarem as seis crises humanitárias mais graves na época. Outros países foram incorporados ao mapa no decorrer do ano.

Além do site, a campanha contou com o fotógrafo Platon, que doou quatro imagens, e a empresa Starcom, que doou espaço para que as fotos e outras imagens da campanha pudessem ser divulgadas em todo o mundo.

Trabalhadores humanitários foram protagonistas de vídeos, mostrando suas realidades e trabalho em todo o mundo. Cada vídeo exibia seus nomes e cargos e contavam um pouco de suas histórias e as dificuldades diárias de trabalhar em campo. Depoimentos em primeira mão de pessoas que todos os dias se arriscam para ajudar um estranho. Diferentes profissões, tarefas e países, mas um objetivo em comum: salvar vidas.

Esses são os verdadeiros heróis da nossa época. Pessoas comuns com uma missão nobre, ajudar estranhos, salvar vidas, preservar a infância, entregar alimentos em zonas de guerra, fornecer água potável para um campo de refugiados, entre muitas outras funções que podem parecer pequenas, mas que podem significar vida ou morte.

---

<sup>42</sup> Disponível em:

[http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD\\_Deck\\_presentation\\_20\\_July.pdf](http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD_Deck_presentation_20_July.pdf), acessado em junho de 2015.

<sup>43</sup> Disponível em:

[http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD\\_Deck\\_presentation\\_20\\_July.pdf](http://www.humanitarianresponse.info/en/system/files/documents/files/WHD_Deck_presentation_20_July.pdf), acessado em junho de 2015.

Apesar de a campanha ser organizada pela ONU, em 2013 os depoimentos dados para a elaboração dos vídeos que foram divulgados no site da campanha, não eram apenas de funcionários da ONU. Eram de trabalhadores humanitários de diversas ONG's, como a Agência para Assistência Humanitária e Desenvolvimento para o Afeganistão (AHDAA), a Organização Transcultural Psicossocial - TPO DRC, ONG que atua na República Democrática do Congo, Federação Luterana Mundial, entre muitas outras ONGs que fazem um trabalho fundamental e que salva vidas, mas que são majoritariamente desconhecidas mundialmente.

Apesar de serem ONGs diferentes, com funcionários de muitos lugares do mundo, atuando em diferentes países, todas essas pessoas e Organizações têm o mesmo objetivo: fazer o bem.

Diferente das campanhas anteriores, em 2014 nenhuma celebridade foi chamada para divulgar a causa. Não houve nenhuma canção especialmente escrita para essa ocasião e os grandes protagonistas do Dia Internacional da Ação Humanitária eram os próprios trabalhadores humanitários. As pessoas pelas quais esse Dia é celebrado em primeiro lugar.

## 5.7 Análise

Em relação ao corpus investigado nesse trabalho, podemos observar no decorrer dos anos uma mudança na maneira que essas campanhas são elaboradas. Apesar de o objetivo ser sempre o mesmo, conscientizar<sup>44</sup> a população mundial sobre os trabalhadores humanitários e a importância da sua função, ao comparar o material selecionado, é possível constatar que a maneira como as campanhas foram executadas foram bastante modificadas.

Em um primeiro momento, em 2009 e 2010, elas estão tratando do humanitarismo como algo abstrato, alguém em algum lugar precisa de ajuda e outro alguém em outro lugar pode ajudar. Não existe uma figura por trás dessa filosofia. O slogan de "pessoas ajudando pessoas" é exatamente o que a ONU está propagando. Não existe uma necessidade de ser associado a uma organização, você como indivíduo pode e deve fazer o bem.

Em um segundo momento, em 2011, 2012 e 2013, as campanhas passam a buscar famosos para chamar mais atenção. Em 2011 com Ziggy Marley, 2012 com Beyoncé e 2013 com David Guetta, a ONU quis ampliar a gama de pessoas que estava sendo atingida com as campanhas. Era preciso conscientizar as pessoas sobre a importância do trabalho humanitário.

---

<sup>44</sup> Raise awareness, fazer com que mais pessoas saibam sobre uma situação ou fato. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/awareness>. Acessado em junho de 2015.

A utilização de artistas tinha como objetivo chamar atenção da população mais jovem, a maneira como o OCHA e a ONU migraram de uma linguagem de apenas divulgação de vídeos nos sites das agências das Nações Unidas para a utilização de novas mídias como Twitter, Facebook e YouTube, mídias dominadas majoritariamente por jovens, mostra que o OCHA estava buscando uma nova linguagem para se comunicar como esse público alvo.

O sucesso absoluto da campanha em 2012 confirmou quais deveriam ser os meios de divulgação que continuariam a ser utilizados para as próximas campanhas. Por isso, em 2013, a campanha foi inteiramente baseada em novas mídias. A ideia de utilizar esses novos meios de comunicação para a arrecadação de fundos para crises humanitárias foi não só inovadora como também um sucesso.

Por fim, em 2014, houve uma mudança na maneira como a campanha foi estruturada. Em vez de utilizarem famosos para chamar a atenção do público, como nas campanhas de 2011, 2012 e 2013, a ONU usou os próprios trabalhadores humanitários como protagonistas da campanha. Diferente das suas primeiras campanhas quando não existiam figuras principais e sim a ideia geral de que "o sofrimento de uma pessoa, é uma responsabilidade de todos", proposta no Dia Internacional da Ação Humanitária em 2009, pelo secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. E a ideia de que juntos, organização, trabalhadores humanitários e você, podem fazer a diferença difundida em 2010.

Todas as campanhas da ONU de certa forma constituem uma maneira de sensibilizar a população mundial frente às diferentes formas de se praticar o humanitarismo. Seja em 2009 com a noção de que o sofrimento de um é responsabilidade de todos, em 2010, com a ideia de que todos nós podemos ser trabalhadores humanitários, em 2011, questionando se você pudesse mudar alguma coisa no mundo para fazer dele um lugar melhor, o que seria? Em 2012, ao falar sobre o legado que você deixará no mundo, qual o impacto positivo que você vai ter enquanto estiver aqui, em 2013 expressando o que você acredita que tornaria o mundo melhor ou em 2014, pedindo seu apoio para os trabalhadores humanitários.

Pode-se dizer que foi criada uma ideia de comunidade entre essas pessoas que participam ativamente de todas as campanhas elaboradas pela ONU desde 2009. As redes sociais, além do papel jornalístico de difundir informações, têm um papel fundamental na criação dessa comunidade, elas aproximam pessoas de todo o mundo dispensando a atuação de celebridades na campanha e abrindo caminho para que indivíduos possam participar como "mensageiros da humanidade".

Existe em 2014 uma diminuição do tom publicitário e retórico presente nas campanhas anteriores. Nesta campanha, ocorre uma aproximação com o jornalismo. Depoimentos,



testemunhos, informações e vídeos sobre as experiências humanitárias mostram como essas atividades são desempenhadas por pessoas comuns, muitas vezes vítimas de crises e catástrofes também que decidiram fazer o bem para que outras pessoas não tenham que passar pelo que eles passaram. Não existe mais a distância entre as vítimas e as celebridades, as próprias vítimas são as celebridades, elas são porta-voz da própria causa. Os protagonistas do Dia Internacional da Ação Humanitária voltam a ser os próprios trabalhadores humanitários, as pessoas pelas quais a ONU criou essa data para celebrar em primeiro lugar.

## 6. CONCLUSÃO

Quando os desastres "naturais" deixaram de ser vistos como uma punição divina e passaram a ser interpretados como causas de fato naturais e humanas, o estudo de desastres e prevenção de desastres começou a ganhar espaço. As sociedades e organizações internacionais começaram a se preocupar com a infraestrutura de cidades e estudar quais seriam as melhores maneiras de prevenir grandes perdas humanas, materiais, culturais, econômicas e ambientais.

O acontecimento de um desastre, que compreende tanto as vítimas de desastres “naturais“, como terremotos, secas e furacões, quanto às vítimas e refugiados de guerra, conflitos e deslocados internos, não pode ser evitado. No entanto, as suas consequências podem ser amenizadas e as populações em risco de serem afetadas podem receber instruções e treinamento para que saibam lidar da melhor maneira possível com essas perdas. As Organizações Não Governamentais, como os Médicos Sem Fronteiras e a Cruz Vermelha, se especializaram em prestar socorro às vítimas de desastre e chamam essa ajuda de "humanitária" porque visam à proteção da vida.

A solidariedade e a culpa que sentimos quando entramos em contato com a realidade de pessoas que lutam todos os dias para sobreviver após um desastre são dois sentimentos que junto com a divulgação de crises humanitárias pela mídia, impulsionam a população mundial a se envolver na causa humanitária e contribuir, seja através da doação de tempo, dinheiro ou trabalho, para que o sofrimento das pessoas afetadas por desastres seja amenizado.

É através das mídias sociais, que atualmente fazem parte da comunidade jornalística, que a ONU veicula não só suas atividades humanitárias, como também de instituições parceiras. O foco principal das campanhas humanitárias da ONU é divulgar a ação e os trabalhadores humanitários.

Cria-se a identidade de um "herói humanitário", e a ideia de que as pessoas que fazem parte dessa comunidade podem se conectar com esses heróis através das mídias sociais. Se antes era necessário que famosos se envolvessem na causa para engajar e encorajar as pessoas a se mobilizarem, como George Harrison em 1971 ou Beyoncé em 2012, agora os trabalhadores humanitários cumprem essa função.

Com suas histórias e rostos divulgados na mídia, os novos “heróis” são movidos à compaixão e vontade de ajudar. Aqui o conceito de herói não é aquele que salvará a humanidade e resolverá todos os problemas da sociedade sozinho, mas sim aquele que está

disposto a colocar o bem estar de outras pessoas na frente do seu próprio e fazer de tudo em seu poder para transformar o mundo em um lugar melhor.

As causas das crises humanitárias, antes discutidas intensamente, agora já não são o foco principal. Os desastres "naturais", a punição divina, as sociedades vulneráveis, as causas históricas como a exploração social, a prevenção de desastres e as crises humanitárias foram etapas vivenciadas para a formação do humanitarismo e a construção da ideia de uma comunidade unida em prol da ação humanitária e em apoio aos trabalhadores e heróis humanitários.

Existe uma mudança na discussão do humanitarismo. Passa-se a se identificar mais com os trabalhadores humanitários através de seus relatos, depoimentos e histórias de vida e a exposição das vítimas como indefesas, explorando seus sofrimentos, a espera de socorro diminui. Agora devemos celebrar e apoiar os heróis humanitários. No entanto, essa mudança de perspectiva não seria apenas uma inversão dos papéis? Se antes observava-se o sofrimento das vítimas à distância, agora observa-se o herói humanitário salvar essas pessoas, também à distância. De celebridades como Beyoncé a trabalhadores humanitários, o foco do humanitarismo agora deixa de ser sobre as vítimas e seu sofrimento e passa a ser sobre os seus salvadores.

Pode-se concluir que o caminho utilizado pela ONU para que crises mundiais recebam a atenção da população mundial é através da sensibilização. Uma sensibilização que só é possível graças às novas mídias que possibilitam que pessoas de todos os lugares do mundo possam, além de se informar sobre as consequências de desastres, quem sabe, também se solidarizar com as suas vítimas e se identificar com os seus salvadores, os trabalhadores humanitários. A sensibilização, em outras palavras, é a comoção do espectador. É a capacidade de fazer com que aquela pessoa tenha vontade de ajudar estranhos por causa de uma campanha que ela leu, assistiu ou participou pelo computador ou pelas redes sociais.

O papel da mídia e do jornalismo na divulgação de crises humanitárias é fundamental para que novos mensageiros humanitários possam ser formados. É através da aproximação das tragédias que acontecem distante de nós que existe a possibilidade de se estabelecer uma conexão com as pessoas que precisam da nossa ajuda.

Pode-se observar que as Nações Unidas mantêm um padrão quando falam sobre a ação humanitária. Desde o início, o Dia Internacional da Ação Humanitária é sobre os trabalhadores humanitários. O que muda em seu discurso é como a organização busca interagir com a população mundial através das suas campanhas e fazer com que cada vez mais pessoas façam parte dessa comunidade criada por eles.

As ações humanitárias da ONU buscam formar novos mensageiros humanitários. Pessoas que querem fazer o bem para outras pessoas, estando perto ou longe delas, sendo elas estranhas, ou não. Por fim, apesar de o humanitarismo já ter passado por tantas transformações e ter sido visto tanto como uma preocupação com o sofrimento de estranhos distantes como uma prática de intervenção, como a necessidade de ajuda externa e a exploração do sofrimento das vítimas, como a incapacidade de populações de se reconstruir e o sentimento de solidariedade mundial frente a essas vítimas, como o alívio de culpa e ao mesmo tempo uma responsabilidade global, pode-se esperar que ele tenha, na sua essência, a simples função de “fazer o bem”.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70, 2002. 229 p.

BIONDI, Angie, *Solidariedade em Redes: limites de uma prática, possibilidades de uma ação*, *Mídia e Cotidiano*, No 5. Niterói, 2014.

CHOULIARAKI, Lilie, *The Ironic Spectator: Solidarity in the Age of Post-Humanitarianism*, Cambridge, Polity Press, 2013. 248 p.

DONINI, Antonio, *Humanitarianism in the 21st Century*, *Revue Humanitaire*, França, 25, 2010. Disponível em: <http://humanitaire.revues.org/771>  
Acessado em junho de 2015.

FASSIN, Didier, *Humanitarian Reason: A Moral History of the Present*, Berkeley: University of California Press, 2011. 352 p.

FASSIN, Didier. "Critique of Humanitarian Reason". Palestra proferida no Institute for Advanced Study. Princeton, Nove Jérsei em 17 de fevereiro de 2010 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDT2mYg6mgo>. Acessado em abril de 2015.

FERREIRA, Jaqueline, *O Humanitário: uma história de ideologias e práticas face às populações vulneráveis*, *Saúde e Direitos Humanos*, Brasília, Ano 4, no. 4. 2007. Disponível em: [http://unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/1349877616.pdf#page=89](http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1349877616.pdf#page=89). Acessado em junho de 2015.

MAILLARD, Dennis, *Tous Victimes?*, *Revue Humanitaire*, França, 19. 2009. Disponível em: <http://humanitaire.revues.org/496> Acessado em junho de 2015.

PINHEIRO, Marta, *Risco e catástrofe: a seca no Estado de São Paulo*, *Lumina*, Minas Gerais, v. 8, n. 2. 2014. Disponível em: <http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/400/337> Acessado em junho de 2015.

REVET, Sandrine, Penser et affronter les désastres : un panorama des recherches en sciences sociales et des politiques internationales, *Critique Internationale*, França, no 52. 2011.

Disponível em:

<http://spire.sciencespo.fr/hdl:/2441/eu4vqp9ompqllr09i61s996b6/resources/crii-052-0157.pdf>

Acessado em abril de 2015.

RODRIGUES, Teresa, Notas, Notícias e Recensões: a estratégia internacional de redução de desastres, *Territorium*, Coimbra, 17, 2010.

Disponível em:

[http://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/Documentacao/Territorium/T17\\_artg/24Territorium\\_223-227.pdf](http://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/Documentacao/Territorium/T17_artg/24Territorium_223-227.pdf), Acessado em maio de 2015.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.

Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br> Acessado em junho de 2015.

SONTAG, Susan, "Regarding the Pain of Others", Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2003. 131 p.

VAZ, P.; GAELLE, R. Políticas do Sofrimento e as Narrativas Midiáticas de Catástrofes Naturais *Fameco*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 212-234, janeiro/abril 2011.

**WEBSITES**

DW: <http://www.dw.com/pt> - Acessado em março de 2015

JORNAL ESTADÃO ONLINE: <http://www.estadao.com.br/> - Acessado em junho de 2015.

MICHAELIS UOL: <http://michaelis.uol.com.br/>

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL: <http://www.onu.org.br/> - Acessado em junho de 2015

OXFORD DICTIONARIES: <http://www.oxforddictionaries.com/>

REVISTA ÉPOCA: <http://epoca.globo.com/> - Acessado em junho de 2015

TERRA: <http://noticias.terra.com.br/> - Acessado em abril de 2015

THE UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION:  
<http://www.unisdr.org/>

UNITED NATIONS IN ENGLISH: <http://www.un.org/en/index.html> - Acessado em março de 2015

UN OCHA: <http://www.unocha.org/> - Acessado em abril de 2015

WIKIPEDIA: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal) -  
Acessado em junho de 2015

WORLD HEALTH ORGANIZATION: <http://www.who.int/en/> - Acessado em maio de 2015

YOU TUBE: <https://www.youtube.com/> - Acessado em junho de 2015.

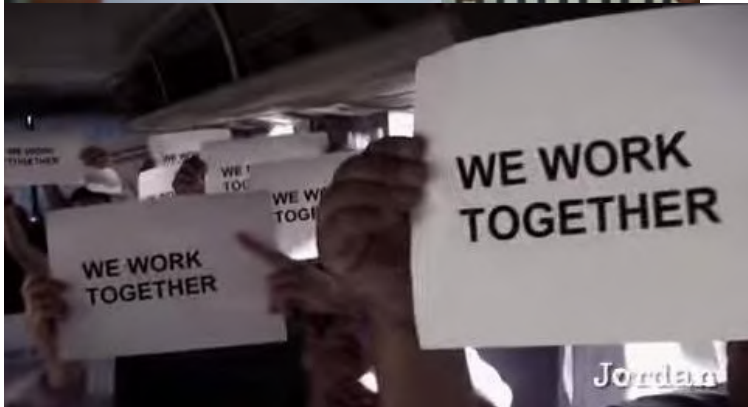
## 8. ANEXOS

2009





2010





2011

If you could do one  
thing to **change** the world...

What would it be?



**World Humanitarian Day 2011**  
people helping people // 19 August



**World Humanitarian Day 2011**  
people helping people // 19 August

2012

WORLD HUMANITARIAN DAY AUGUST 19

HOME LAUNCH TAKE ACTION PLACE A PIN PROFILE PIN ABOUT



LET'S SEND THE BIGGEST SOCIAL MEDIA MESSAGE IN HISTORY

Join Beyoncé, the UN and humanitarian aid organizations around the world to reach 1 billion people, on 1 day, with 1 message of hope


1. Add your voice by signing up below with your social network.
2. Your message will be stored until August 19th.
3. On August 19th, every message will be automatically sent out as one voice, along with a special World Humanitarian Day performance by Beyoncé.

**ADD YOUR VOICE NOW**





WHAT WILL YOU DO?  
WHD-IWASHERE.ORG



WORLD  
HUMANITARIAN  
DAY AUGUST 19  
.....  
WHD-IWASHERE.ORG

2013

# WHAT DO YOU THINK THE WORLD NEEDS MORE OF?

**SPONSOR A WORD. MAKE IT A REALITY.**

*19 August is World Humanitarian Day and the beginning of a month long, first of its kind project - to turn words into aid. Sponsor a word and turn your voice into much-needed funds to help millions of people worldwide affected by disasters.*

*[Learn More.](#)*





THE WORLD NEEDS  
MORE #RESILIENCE



SPONSOR A WORD.  
MAKE IT A REALITY.

THE WORLD  
NEEDS MORE

#

WORLDHUMANITARIANDAY.ORG

UNITED NATIONS  
FOUNDATION  
SUPPORTED BY THE UNITED STATES GOVERNMENT AND  
WORLD LEADERS AND HUMANITARIAN ORGANIZATIONS

2014

CAMPAIGN WEBSITE: Assets



Email Signature



Social Media assets



Logo in 17 languages

CAMPAIGN WEBSITE: Assets





VOICES FROM THE FIELD - FILMS



**JACK KAHORHA**  
WATER EXPERT  
*"To support others, I think I have to use my energy for that until I get old."*

WATCH FILM

A man in a white polo shirt with 'Yme' and 'Grandes Lacs' logos and a white cap stands in a rural setting with tents and people in the background.

VOICES FROM THE FIELD - FILMS



**KEA MAYANGE AND ANGE LUBANZADIO**  
CHILD PROTECTION OFFICERS  
*"The armed groups are very tough, they are ready to kill..."*

WATCH FILM

Two women and a smiling child are shown under a patterned cloth in a field setting.

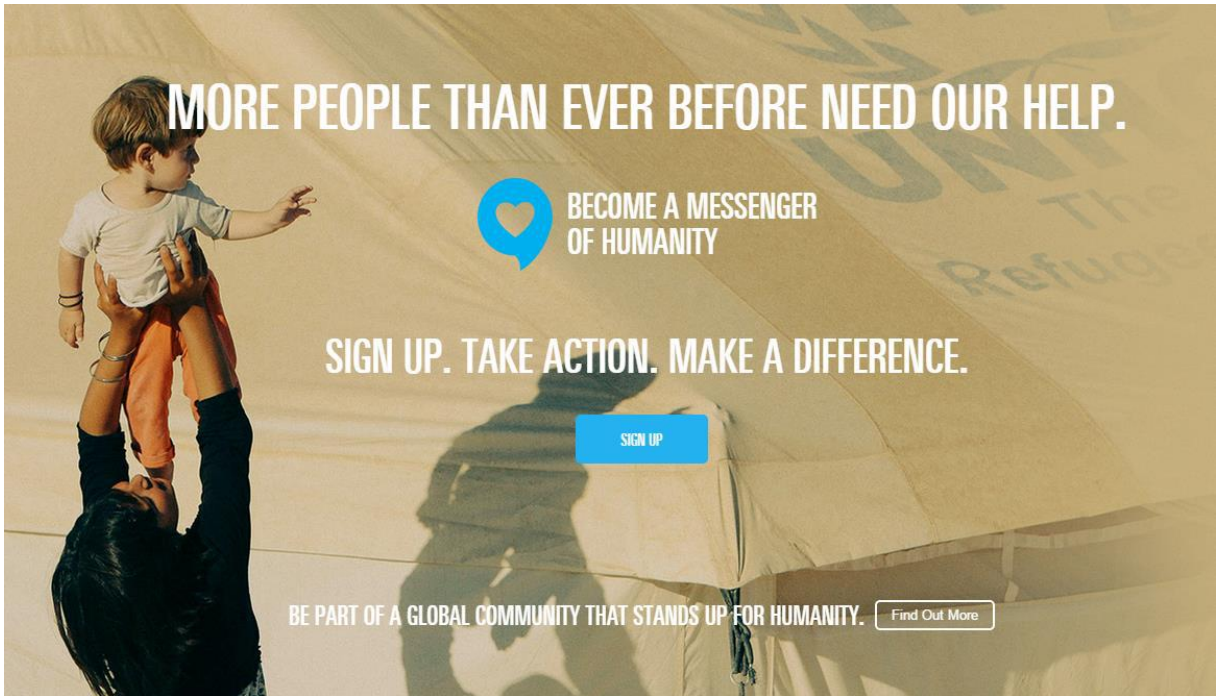
VOICES FROM THE FIELD - FILMS




**SOFIÈNE ELFEKI**  
HUMANITARIAN AIR SERVICES  
*"It's the feeling of satisfaction..."*

WATCH FILM

A man in a high-visibility vest stands on a tarmac next to a helicopter.




**MORE PEOPLE THAN EVER BEFORE NEED OUR HELP.**

 **BECOME A MESSENGER OF HUMANITY**

**SIGN UP. TAKE ACTION. MAKE A DIFFERENCE.**

[SIGN UP](#)

**BE PART OF A GLOBAL COMMUNITY THAT STANDS UP FOR HUMANITY.** [Find Out More](#)



**HUMANITARIAN**  
[HYOO-MAN-I-TAIR-EE-UH-N]

*adjective*

- 1. Having concern for or helping to improve the welfare and happiness of people*
- 2. Involved in improving people's lives and reducing suffering*